

BÚSSOLA DA LIBERDADE,

PERIODICO POLITICO, E LITERARIO.

SEGUNDA FEIRA 16 DE JANEIRO.

Da Liberdade o Norte mostrarei,
A' despeito de tudo quanto he vão:
Ou com ella vencer, como Arisides,
Ou com ella morrer como Catão.
D. Redactor.

Impresso em Pernambuco por Antonino Joze de Miranda Falcão.

TIMNAMOS varios, e importantes objectos a tractar, bem como fosse responder, ou refutar aquelle mentiroso, e iutrigante Officio do frenetico Snr. Deputado Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, aquella cartinha do Pernambucano de pez de lã, inserta no Diario de 4.^a feira 11 do corrente, n.º 283, e outras coizas peiores, que não ficarão sem resposta; porem como o nosso amigo o Snr. Major Francisco Antonio Pereira dos Santos nos pede que publiquemos a exposição dos factos, que servirão de pretexto á sua prisão, e esta publicação nos pareça necessaria, deixamos de parte tudo o mais para publicar a dita exposição.

Exposição, que faz o Major Francisco Antonio Pereira dos Santos ao Respeitavel Publico, sobre os acontecimentos, que derão motivo á sua prizaõ acompanhada de varias circumstancias, que sendo ignoradas até hoje devem presentemente ser patenteadas ao conhecimento de todos os Pernombucanos, e mesmo dos Brasileiros em geral.

HUM dia havia chegar que Francisco

Antonio Pereira dos Santos se visse forçado a dizer de si alguma coiza; a tanto me arrasta Joze Feireira Catão. Juiz de Paz da Boa-vista, com a calumnia que sobre mim tem lançado, de ambicioso, e de anarchista, fazendo este mesmo Catão espalhar que eu dizia não queria perder 14 annos de seivico. Faz se portanto necessario que eu apresente a meus compatriotas a minha conducta desde 1821 que foi quando principiei a aparecer em publico.

Na arriscada revolução de Goianna apresentei-me e fui por Portaria de 3 de Setembro do dito anno nomeado Capitão de Cavallaria, e Ajudante de Ordens do Governador das Armas, e depois encarregado de diferentes commissões por Portarias de 21, e 27 do dito mez, e de 2 de Outubro: os meos fracos, porem uteis serviços prestados naquella revolução forão tão publicos que escuzo referir: com tudo acabei paizano unica recompensa que sempre aspirei, pois que feita a capitulação retirei-me, para minha casa, e já mais apareci em Goianna; e muito menos requeri, e entre tanto posso sem errar avançar que aquelle governo foi prodigo na partilha dos premios, e eu era, e oinda sou amigo

de alguns de seus membros. No governo Provisorio de que era Presidente o Sr. Affonso de Albuquerque Maranhão fui novamente reintegrado no posto de Capitão para tomar o Commando da Policia da Freguesia de Tejucupapo, criar uma companhia de guerrilha paga, a dada ao Corpo de Artilheiria, para criar outra de cavallaria meliciana, para recrutar para a 1.^a e 2.ª linha, alem da trabalhosa commissão de cuidar na defesa da Costa desde a Barra de Catuama the Goianna, o que tudo foi executado acontento do governo sem o menor interesse, antes com algum dispendio de minha fraca fortuna, restando-me somente o desconsolo de não poder pilhar o chefe do Batalhão ligeiro porque nunca quiz ~~por~~ faser suas pilhagens. Em virtude destes serviços o governo me quiz recompensar com o posto de Sargento-mor e Commandante das duas companhias de 1.^a linha da Villa de Goianna, que eu tam bem não quiz aceitar, agradecendo com tudo ao governo o conceito que de mim fazia, pedindo-lhe ao mesmo tempo licença para lhe lembrar hum outro capaz de ser empregado, e sendo-me esta concedida lembrei o defunto Francisco Gonsalves, por alcunho mata-cavalinhos; chamo em abono desta verdade os Surs. Affonso de Albuquerque Maranhão, o Marquez do Recife, o Doutor Francisco de Paula Gomes dos Santos, Manoel Ignacio Bezerra de Mello, Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque alem do Snr. José Mariano que era o Secretario, e o mesmo que me fez a participação por parte do governo. Em 5 de Outubro de 1823 fui por Portaria do governo nomeado Tenente Coronel graduado em Commandante da 7.^a e 8.^a meia Brigada que não aceitei por dois motivos, primo por ser amigo do Snr. Henrique Pope Girão então meo Commandante, segundo por estar chocado com a perseguição que se fazia a meo prezado Pai (assim o devo chamar) o Snr. Francisco Ludgero da Paz. Em 3 de Agosto de 1824 fui segunda vez promovido ao posto de Tenente Coronel, e posto aceitasse anomeação com tudo não uzei d'elle por ser amigo do mesmo Snr. Girão e não querer que elle suposesse ser dezejo meo de lhe tirar o commando, ficando com tudo com agradação de Major por me competir, e ser esta dada em virtude da organização que se fez nos corpos da Villa

de Goianna, e ficar eu no Commando do Batalhão Provisorio daquella Villa. Ultimamente fui pelo muito honrado, politico, e constitucional ex-Presidente Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos nomeado commandante Geral das guardas municipais montadas, com o soldo da patente que regeitei, ficando com tudo no Commando, que d'elle pedi demissão 6 dias depois da chegada do actual Presidente, tendo antes servido no commando da Policia dos Afogados por espaço de 5 para 6 mezes, onde só tive encommodos despesas, sacrificios de saude e perigos de vida; e depois de acabar com quadrilhas de ladroens organisadas por certa gente hoje da boa ordem, e tudo isto gratuitamente, sou ambicioso!!! e em cima disso perseguido por anarchista!!! Si nisto não entra maldobra occulta, e plano de perseguição vindo do Rio a certos Surs. daqui não há verdade nas cartas; porque o que se passa comigo não he *segundo se diz*, he *segundo se vê*

Passarei á segunda calumnia de anarchista pela qual estou preso, e sem procurar rodeios expenderei o motivo que deo occasião a esta revoltante columnia (1). No dia 15 de Novembro estando no cílio de minha residencia serião onze horas da noite, quando recebi hum bilhete do meo amigo o Snr. Joaquim Carneiro participando-me estar o Recife em desordem, e que eu passasse para outra banda do Rio afim de hir com elle para o Recife ao qual respondi, que por estar incommodado não podia faser-lhe avontade; porem no dia seguinte a instancia d'alguns amigos sahi de casa com 10 companheiros, e pelo caminho se forão reunindo mais alguns, que ao todo chegarião a 30 e com elles mar-

(1) Persuadindo-se Gervazio Pires Ferreira, que os Cidadãos reunidos em a Boa-vista erão tão tolerantes como eu n'estas occasioens, e que sendo assim seria tractado tão urbanamente como ja havia sido em Olinda, apezar de eu o conhecer perfeitamente, assentou que qual outro Cezar era bastante a sua presença para ver, e venger; porem não encontrando todos prudentes, dizem que sofreu varios ataques, que eu altamente desaprov ei, não obstante conhecer quam criminoza tem sido sua vida publica. Toda via apezar de elle não me ver, nem ao meo amigo o Carneiro, persuadido-se que nós tinhamos tido parte naquillo, e orgulho, e vingativo como naturalmente he, fez-me alvo de sua ira, como em 1822 obrou com meo noarado Pai, e aproveitando-se do estúpido Catão para seu agente pôs em pratica todos os meios de perderme, e a outros que não querem ser escravos, e respeitadores das suas imposturas, e maldades.

chei para a Boa-vista; ao entrar na aterro fui ouvindo os gritos *traição! traição! os marinheiros estão armados, e intricheirados no Recife, com o Batalhão 53 formado!* He no meio desta agitação que me dirijo ao meo amigo o Snr. Antonio Carneiro Machado Rios, e perguntando-lhe o que era aquillo, respondeo-me que era o que eu via e ouvia; a esse tempo chega-se a mim o Catão, e medis — o Snr. Major como comandante Geral dè ordem para marchar esta peça (2); respondi-lhe, que não era a mim que se devia dirigir; mas sim ao Snr. Carneiro como commandante geral pois que eu ja me tinha demittido a 15 dias — tornou o dito Catão — mas eu tenho ordem do Snr. Presidente para que esta peça com a gente que aqui se acha marchem contra as cinco pontas — respondi-lhe que eu não estava disposto a derramar sangue Brasileiro sem saber o motivo, e que para isso me dirigia a Palacio, e lá receberia as ordens do Presidente: a estas ultimas palavras chegão trez cavalleiros do Recife gritando *traição! traição! o governo mandou armar os Portuguezes!* He neste estado que chego a Palacio, e ao entrar pela porta ouço o Povo gritar: *o Balhão 53 de Portuguezes está aqui formado para marchar contra as cinco pontas; nós na retaguarda lhe faremos fogo, e contra Patricios ninguem marcha;* subo a apresentar-me ao Snr. Presidente, e este me dis — o governo está abandonado! — respondi-lhe assim parece; porem este abandono he filho das medidas tomadas; V. Exa. sabe que os Pernambucanos não se accommodão armando-se Portuguezes para fazer fogo a seus Patricios; e se V. Exa. quisesse por hum momento ouvir-me, eu diria que mandando V. Exa. destroçar o Batalhão 53 talvez se plesse acabar com este motim sem se atear a faxo da guerra civil; visto que eu a vejo quasi principia-da. S. Exa. por esta vez ouviu me, e mandou destroçar o Batalhão, assim como retirar a força que estava no Recife guarni-

cendo o arco da conceição: dado este passo me disse S. Exa.: agora he necessario ver o que querem aquelles homens, pois que o governo inda não teve sciencia certa de suas intenções; respondi-lhe — eu vou the lá, e voltarei a participar a V. Exa. o que existe; com effeito fui e dirigindo-me ao Capitão Vianna perguntei-lhe para que fim era aquelle movimento; respondeo-me que elle mesmo não sabia, pois que estando em sua casa ouvira chamada de campo, e como commandante correo a fortaleza onde se achava o corpo de seu commando, e entrando n'ella achou o que eu via: á vista de semelhante resposta, dirijo-me ao corpo dos reunidos e pergunto quaes os fins daquella reunião; responderão-me que era para faserem hum requerimento ao governo, pedindo a expulsão dos Portuguezes e dos columnas; respondi-lhes que o lugar era improprio, por ser huma Praça feixada, e a reunião armada; retorquirão-me disendo, que os armados são os soldados do destacamento; e por fim mostrarão-me o requerimento e a lista dos proscritos. He a vista de hum tal absurdo que lhes digo: Snrs. Vms. no furor de suas paixões não preveem os males que vão cauzar a nossa Patria; vejão que a sahida de todos os Portuguezes nos trará aparálisação do commercio, das Artes, da Agricultura, e sobre tudo o nosso total aniquilamento, e como nada me responderão, sahi a participar ao Snr. Presidente o fim da reunião, e ja encontro S. Exa. em conselho; e participando-lhe o expellido, medisse elle, pois então volte, e diga-lhes que o governo espera a representação; promptamente obedeci, e voltando-me para o Senhor Doutor Manoel Ignacio, membro do concelho, pedi-lhe, que conmigo fosse a fortaleza, com o fim de convencermos os reunidos a desistirem de huma tal empresa, e mesmo para escuzar o emprego da força; respondeo-me o mesmo Snr. Concelheiro, que não se achava em estado de poder fazer este sacrificio, visto achar-se duente, como de facto estava; recorri então aos Snrs. Deputados Odorico Mendes, e Paula Barros, e estes aceitando o convite, marchamos para a fortaleza; ao entramos, disse eu aos reunidos, estes dois Snrs. são fuão e fuão, Brasileiros dignos de nossos respeito, e por consequinte devem ser ouvidos e atendidos.

Fizerão os Srs. Deputados suas diserta-

(2) Eu conheci quando cheguei que Catão tinha sido desobedeido pelo Povo armado mandando retirar a peça, e ainda mais pelo estado de coação do meo amigo o Sr. Carneiro, que não se atava a dar ordem para essa retirada; e por isso o Catão fingia não ser sabedor de miuha de nissão, e quis servir-se de mim, como Gervazio se serve d'elle; porem enganou-se, porque chico doido não se deixa dograr por outra gente, quanto mais pelo aguadeiro da ponte velha.

ções, e eu acrescentei que previssem bem o exito de huma tal empresa; pois no momento em que faltassem as rendas publicas, os empregados deixarião de vencer seos ordenados, os militares não terião soldo, e então que desgraças não veriamos; observei mais algumas coizas de que forão testemunhas os mesmos Srs. Deputados; e como parecessem annuir ás reflexões, que lhes fizemos, pedimos ao Sr. Caetano Pinto de Veras, que ali ficasse para conduzir a representação ao governo, e nós retiramos; no caminho chegoi o Sr. Veras e disse-me, que alguns individuos da reunião o mandaram embora dizendo, que se podia retirar, pois que ali não era Olinda onde eu me tinha de ir a comprar pelos marinheiros e como não sei pois que a representação seria feita para sair e como elles reunidos quize sem. A vista do expellido tornemos para o Palácio onde achamos o Presidente e conselho, e dei-lhe parte do resultado de nossa reunião; e pediu o Sr. Deão membro do conselho que tornasse a fortaleza por isso que os reunidos davão mostras de querer ceder, e repugnando eu, citou-me o mesmo Sr. Deão esta passagem não sei de que historia que diz assim, = vai minha filha, que tantas vezes vás, athe que o tyrano cederá = e concluiu pedindo-me que o Sr. Presidente e o conselho esperava que eu me não poupasse a esse sacrificio. Tive de tornar por tanto 3.^a vez a fortaleza onde demoreime algum tempo a convencer ja este e aquelle, que não era airozo fazer-se huma rusga para se lançar fora de seos empregos individuos, cuja influencia pouco ou nada poderião dicidir dos destinos da Patria, e que pelo contrario so deixavão suspeitas de quererem seos authores impolgar os empregos: fui continuando com mais algumas reflexões que me ocorrerão, athe que as duas horas retireime para Boa-vista a procurar o meo amigo o Sr. Carneiro, e por me pedir o Presidente que não desamparasse o ponto da Boa-vista. Serião 11 horas da noite quando chegou o Sr. Alferes Gama com hum papel mandado pelos reunidos na fortaleza, e disse-me: agente das cinco pontas pedirão me entregasse este papel ao Sr. e ao Sr. Carneiro; e chamando eu o meo amigo que estava dormindo, este me disse: vê tu o que querem aquelles homens, e tornou a deitar-se; então dirigindome a dois estrangeiros que morão no aterro a pedir huma luz, estes me mandarão entrar

para dentro de sua habitação, e pedindo o papel, vi que era a lista dos individuos, que devião sair para fora da Provincia e outros dimitidos de seos lugares; então perguntei ao Sr. Gama para que fim vinha aquelle papel, respondeome: para ver se Vms. o apróvão; a vista de hum tal procedimento lancei mão da penna, e risquei quasi tudo, deixando unicamente 9, ou 10 que ja tinhão sido contemplados em Olinda, por isso que se tornava inexequivel huma vez que estes não estavam empregados, e muitos fora da Provincia como Gustavo, Maier & estavam presentes os Srs. Jozé Lucio Correia Escrivão Silva, Capibaribe, Barata, e Bandeira de Mello; feito isto entreguei ao Sr. Gama a rellação e disse-lhe: diga aos Srs. que estão nas cinco pontas, que a Provincia não pode sofrer por mais tempo este alerma, que o governo deve ser obedecido, e que ao romper do dia mandem apetição ao governo, e obtida a resposta se dissolvão, do contrario não se queixem dos Patricios, porque he preciso não ser homem para ver a sangue frio o expetaculo que apresenta o Recife no embarque das familias para Bordo. Sahio o Sr. Gama e eu fiquei na ponte athe o romper do dia quinta feira. Serião 7 horas da manhã quando recebi hum recado do Presidente, trazido por seo sobrinho o Sr. João de Carvalho Paz de Andrade, que me queria fallar; prontamente obedeci; e chegando, me disse o Presidente: lembreime de hum meio para se concluir com este motim; e perguntando-lhe qual era, respondeome: *vá o Sr. a fortaleza e diga a aquelles homens, que eu tenho muita vontade de ver estes columnas todos fora daqui; e por conseguinte elles que fassão huma petição de denuncia, na qual apontem os individuos, e seos factos, para a vista d'elles o governo mandar proceder a hum sennario e obrar conforme a lei; e acrescentou; isto ja mandei dizer ao Tavares.* Confesso que nesta ocasião fiquei com pedra no sapato; porem obedeci, e marchei para a fortaleza; em caminho encontrei o Sr. Tavares que me disse ja tinha ido a fortaleza fazer ver aos reunidos a vontade de S. Exa.; não obstante convidei o Sr. Brigadeiro Paula, para que comigo fossemos a fortaleza ver se conseguiamos acabar com aquelle adjunto ao que elle prontamente se prestou, e chegamos a Fortaleza acompanhados dos Srs. Tavares, Jozé Lucio, Antonino, Barata, Silva, Fer-

reira, e Souza; e procurando os commandantes lhes nemos ver que a Provincia não podia sofrer por mais tempo tal ajuntamento; e o Sr. Brigadeiro avançou mais = os Srs., desta maneira, commetem huma desobediencia formal ao governo = a estas palavras responderão os dois Commandantes: nós estamos por tudo quanto o governo determinar; mas não responderemos pelas opinioens dostes Srs., que aqui se achão reunidos; ao som destas palavras ouvimos vozes = fora sumario! decidamos com as armas! = avista do expendido foi preciso uzar de meios conciliadores; o Sr. Brigadeiro tractou de os convencer por todos os meios mostrando-lhes que aquella reunião teria pessimos rezultados, durando mais algum tempo; eu acrescentei mais algumas observações que me ocorrerão, os mais Srs. fizeram o mesmo, e o Sr. Tavares teve fortes argumentos com alguns dos mais retitentes. No meio de tudo isto disserão-nos: nós não largamos as armas porque o governo procura trahirnos, e a prova he esta Proclamação, na qual tractamos de anarchistas, ao mesmo tempo que nos manda dizer, *que fassamos huma petição de denuncia para a vista d'ella e do sennario lançar os marinheiros e columnas fora*; isto he traição e muita traição * (no que senão enganarão porem ella não estava de nossa parte): a isto lhes tornei: pois os Srs. querião que o governo louvasse este ajuntamento? pelo contrario elle devia tirar de si a responsabilidade, e afastar a suspeita de connivencia; porem isso não obsta para que elle annua o que for de justiça e compactivel com o estado actual de nossa Provincia. Avista do expendido retiremo-nos inda indecisos, e todos reunidos dissemos ao governo o que se havia passado, e derigindo-se o Presidente a mim, perguntou-me o que devia o governo fazer avista do exposto, ao que promptamente lhe respondi: esgotar todos os meios de conciliação e brandura:

* Traição = Tanto ella havia, que dizendo eu ao Exm. Sr. Presidente que era pena sacrificar-se o Capitam Vianna, official bravo que tantos serviços tinha prestado a cauza da Independencia nesta Provincia, e na Bahía o qual não tinha parte alguma naquella desordem, e que se se conservava entre a gente amotinada era com o fim de obstar que um desatino fosse seguido de outro; S. Exa. me respondeo que fizesse com que elle desamparasse a Fortaleza, o que com effeito podendo elle fazer a noite, se evadiu; porem voltando de manhã para a mesma fortaleza depois de evacuada dos amotinados afim de a entregar a força do governo, foi prezo, e ainda se achia prezo,

disse-me o Presidente, = porem elles querem coizas fora da Lei (ja estaria esquecido do que me-dice?) respondi-lhe, porem o governo não deve annuir a coiza alguma fora d'ella (notem os leitores que tudo foi possado em pleno concelho): tornou o Sr. Presidente = mas se elles não quizerem ceder que deve o governo fazer? respondi-lhe = uzar de sua authoridade e nesta occasião o governo contará com todos os amigos da Patria, para os fazer entrar na ordem, acrescentando; porem Sr. Presidente seria bom que inda exgotassemos meios conciliatorios; pois que temo a guerra civil (3) então disse-me o Sr. Presidente: vejão se podem acabar com isto hoje. Retiremo-nos e conferenciando com mais alguns amigos, concordamos reunir a Sociedade Federal (4), e reunida ella, expuz meos sentimentos com aquella franqueza que acompanha minhas acçoens: fallarão muitos Srs. e entre estes o honradissimo Senhor Doutor Correia, e finalmente assentou-se que devia hir toda a sociedade a fortaleza, ver se conseguia acabar com aquella reunião; foi com effeito a sociedade, e principiando o

(3) Guerra civil: aquelles que a dezejam, e promovem são os que não conhecem o horroroso abismo que se abre com a sua applicação, ou aquelles que tendo tocado a mexa, e feito o incendio se poem a coberto de serem devorados, correndo para bordo das embarcaçoens, ou para caza de consules estrangeiros; então n'este caso apparece um Carneiro e seos irmãos, um Joze Maria Idelfonço; um Leandro Cezar, um Vicente Antonio, e muitos outros, que desprezando a vida, sacrificao as espozas e filhos, e afrontando os perigos como na sentembrizada, unem-se ao Bravo, e honrado Brigadeiro Paula, e salvão a Patria. Restituída porem a paz em consequencia de seos exferços surgem dos poroens dos Navios esses chamados amigos da ordem... e arteiramente começam a dessemimar a intriga: diz um ó Paula he hum covarde, deve ser lançado fora, e substituido por Francisco Jacinto... diz outro o Capitam Joze Maria Idelfonço andou no roubo com os soldados. Ah! malvados, assim ultrajaes a um Joze Maria Idelfonço, exemplo da pobreza opprimida, da honra, e do patriotismo? Em outra occasião, que sera breve, mostrarei qual a cauza, e fins desta intriga vinda da Corte; todá via aproveito esta occasião para perguntar ao Sr. Manoel Zeferino dos Santos, quaes os dados que teve para dizer em uma caza em Santa Anna; que visto estar chico doido em terra e o Batalhão 17 saltar, tractasse cada hum de esconder seus oiros, e pratas. Monstro! monstro! monstro! ja te constou que chico doido, ou algum seu parente a coitasse em caza algum chefe de quadrilha de ladrões, como?...

(4) Enquanto os membros da sociedade Federal arriscavam as vidas para conseguirem a tranquillidade, os da harmonizadora informados no mais recondito de suas habitaçoens não davam um só passo! E que melhor occasião para harmonizar que n'aquella em que não havia harmonia alguma?!

Senhor Doutor Correia a dissertar, foi attendido por muitos dos reunidos; porem como sempre nestes ajuntamentos apparecem individuos com pessimas intenções, estes tratarão de insuflar a outros, dizendo-lhes, que não cedessem; pois era traição que nós lhes estavamos armando (no que se não enganarão; mas ella não era nossa): neste barulho retirou se a sociedade para caza de sua reunião a consultar nos meios de pacificação, e tomando a palavra o Senhor Correia, principiou a dissertar, quando de fora me avizão que Catão estava juntando gente na Boa-vista; immediatamente partecipei ao Senhor Doutor Correia, e este me disse que fosse acodir a isto: marchei para Boa vista, e chegando a ponte procurei o meo amigo o Senhor Carneiro, e me disserão, que já se tinha retirado; tractei de procural-o, e encontrando-o, me disse elle, que tinha ordem do Presidente para marchar com a sua gente a reunir-se ao Catão no Manguinho então disse-lhe eu que tão bem marchava com elle; a estas palavras chegou o Senhor João de Carvalho Paz de Andrade sobrinho de S. Exc. o Senhor Presidente, e disse-me, que seo tio mandava-me dizer que eu marchasse para a Varzea a reunir a gente que podesse e que elle marchava tambem a reunir a sua esquadra montada; obedeci a ordem de S. Exc. e marchamos juntos com o Senhor Carneiro; ao chegar-mos no sitio do mesmo Senhor Carneiro disse hum de seus manos, o Senhor Joaquim, que hia a Santa Anna buscar sua esquadra que o Catão tinha levado; com effeito foi, e voltando dahi a pouco nos disse que o Catão mandara dizer ao Senhor Carneiro *que lá o não queria, e que podia hir reunir-se as cincopontas*, acrescentando que o mesmo Catão tinha tomado as armas de dois mossos cunhados do Senhor Carneiro; ao finalisar o Senhor Joaquim Carneiro estas palavras, a força do Commando do Senhor Carneiro lançou mão das armas, e gritou vamos fazer fogo ao mulato (*) Catão, e todos a porfia querião ser os primeiros a marchar, e vendo eu que o meo amigo se tinha chocado, e que a efervescencia hia chegando a hum ponto de pessimas consequencias, dirigi-me a elle por este modo— Carneiro, tu tens huma alma mui-

(*) Isto não he segundo se diz, he segundo se leu, e nós fomos testemunhas; com tudo nunca fizemos guerra a Patriótica, antes para seu seio mandamos alguém.

O Reductor.

to nobre, para saberes sufocar estes resentimentos quando a Patria assim o exige: olha que qual quer passo menos irreflectido fará hoje a desgraça de nossa malfada Provincia —E voltando me para alguns soldados lhes falei desta maneira— Camaradas, o vosso Commandante, e meo amigo sabe desprezar offensas proprias, quando a salvação de sua Patria assim o pede; vós o conheceis e ninguem melhor que vós sabe se o covarde tacaõ he capaz, fora desta occasião, de faser-lhe a menor offensa; por tanto o vosso Commandante guarda para outra occasião o desabafo desse ridiculo insulto, filho de uma alma baixa e vil —O meo amigo retirou-se com a sua gente e foi com ella apresentar-se ao Presidente; e eu como me ochasse doente, e sem responsabilidade por estar dimittido do Commando Geral retirei-me para minha caza a ver se descobria o segredo da Abelha, e tirava a pedra que tinha no çapato. Note-se que da quarta the quinta feira a noite se chegavão a mim certos individuos de politica transcendente, adquirida não sei em que universidade de Franca e dizião-me: *não se illuda; isto he obra dos Suassunas para apearent Francisco de Carvalho e subirem elles ao mando. Vinha outro: tome cuidado; isto he parto dos Gamas em disforço do que os Portuguezes fizerão ao Parente no Pará. Aprox mava-se outro: tenha cuidado; isto he federação dos Romas e republica do Haití. Dizia o Catão na quarta a noite: eu sei isto o que he; o patife não hade ser commandante das Armas em Pernambuco. Chego a caza e abrindo algumas cartas vindas do Rio, e combinando com outras mandadas tambem de lá por certos senhores Deputados a pessoas de meu conhecimento, e vendo que ellas podião orientar-me no que dezejava, tractei de combinar a primeira, que assim dizia: *apareceo aqui o 14 de Julho, obra dos Suassunas, e Andradás para deitarem abaixo o governo e fazerem-se Regentes; por tanto você espalhe isto; porem não mostre a Chico Doudo, que tambem he dos entrado no plano, e muito amiho de Queiroz.* (5) Re-*

(5) Amigo do queiroz. Dezejava a poder apresentar o nome do author desta carta, para poder responder-lhe com aquella franqueza que costume, e pondo em paralelo a sua e minha conducta, poder entao o Publico fazer justiça, e classificar qual de nós he o anarchista; porem certos respeito, e mesmo hum dever mo priva; com tu lo sempre digno esse Sr. Deputado, que tam boa conceito faz do

cordava-me de outras do Senhor Francisco de Carvalho escritas a alguns anarchistas, hoje, nas quaes pedia que tivessem muito emtado com a sociedade Patriotica; pois ella era ramificação de lá e que a maior parte de seos membros erão pessimos(*) Recorria a outras e só via os Suassunas lá vão, sentido n'elles, são perigozos, vão fazer Republica. Em outra: lá vão os Suassunas pelas Alagoas a pregar Republica. Recordava-me finalmente de huma conversa que tinha tido com hum Sr. Deputado de muita nota, e influencia, antes da rusga das cinco pontas, na qual exprobandô-lhe eu a conducta do governo para com o Sr. Barata, me disse o mesmo Sr. Deputado que o governo está convencido da innocencia do Barata; porem como teme que elle sahindo faça alguma asneira, porisso o conserva preso. Bravo!!! então toda vez que o governo temer qualquer Cidadão manda prende-lo inda que innocente seja! que dirá a isso, o Reverendo Sr. Pernambucano, amigo de seo Ministro patriota? Perguntando mais si o mesmo recei existia a respeito do muito honrado e sempre patriota Antonio Rodrigues Martins, respondeo-me o Deputado: este foi preso por bamburrio; visto que o governo querendo pilhar os Andradas, e Suassunas mandou tirar a devassa e nella pilhou-se o Martins (aqui verificou-se connigo o mesmo desejo do governo pois querendo pilhar os anarchistas das cinco pontas, pilhou o chico doido do Toque) que lhe parece Sr. Pernambucano o seo ministro patriota do Rio, e a sucia dos Lords. Pipas, Esporas, e mais Lords, moleques daqui? Permitta-se-me que divague hum pouco da questão para recorrer ao passado, a ver se descubro o presente. Quando se tractou aqui o anno passado da reellicção do Snr. Olanda Cavalcanti, então ministro de Estado de Pedro I.º dezião alguns Snrs. Deputados: o Olanda he hum Deputado muito

patriota, e como ministro tem feito muitos serviços ao Brasil; por tanto será huma ingratição se o não reellegerem; o que respondia eu (sem ser dos influentes patriotas dos venhão os 6 mil cruzados): não duvido, tudo isto he verdade; porem elle está ministro de Estado, e nesse lugar pode fazer muitos bens a sua Patria; e por consequente acho que deve ser elleito o Barata; visto ter sido huma victima da Liberdade, e muito mais nesta occasião, que alem de chocar ao despota Pedro I.º vai salvar os bons Pernambucanos da nota de traidores para com elle (Barata). Não, não, não, respondião os sucios, o Barata he muito esquentado; deve ser o Olanda, Chega o Snr. Manoel Izeferino, e tras hum voto separado do Sr. Olanda, toca a espalha-lo com o Snr. Gervazio; os emissarios sahem para o maro encarregados dessa missão; as cartas fervem, o Mercurio do Sr. Manoel Izeferino(*) sahe para Sirinhaem; o mesmo chefe dos ladroens, e assassinos, do Batalhão ligeiro (já se sabe com quem fallo) principia a escrever para o maro pouco mais, ou menos neste sentido—Será a maior vergonha para Pernambuco e para os Pernambucanos se o Olanda sahir reelleito: por tanto faça com que saia o Doutor Monteiro (Boa joia!). Esta carta he lida perante muitos elleitores, e todos vacillão na elleição; passados dias os mesmos que achavão o Snr. Olanda bom, e optimo Deputado erão seos maiores inimigos; e só lhes convinha o Snr. Monteiro (quam triste he a condição humana) porem eu sempre firme no Senhor Barata, e mais alguns amigos rasgados, como chama Gervasio. Entre tanto como a cauza dos rasgados só he advogada por gente que não tem que perder, perdi somente o trabalho esperando ganhar em outra occasião, si não matarem o meo devoto na prizão, e eu não tiver o destino, que me perpara o chefe do Batalhão ligeiro, e o Caneludo da Torre, que só sente eu me ter entregado a prizão, pois elle queria ter o gosto de dar-me hum estouro. Não falta tempo, desipline primeiro a sua quadrilha de ladroens, e então fallaremos. A vista de o expellido dezia eu, como he isto? pois estes homens que tantos bens dezião dos Snrs. Olanda, no tempo do Tyrano, e quando elles algumas vezes escorregarao como homens, agora

que sou muito muito e muito amigo de João Baptista de Queiroz, por conhecer n'ellé mais character, mais honra, e mais patriotismo do que em seos calumniadores, embora os actuaes zangoados da liberdade digam que he mitropophago (isto he muita gente boa da corte, e aqui também os há e de bom calibre) que está vendendo a Pedro I.º!!! Vendidos estão elles ás bolsas de quem lhes paga. Saiba o Sr. Deputado, que chico doido conhece mais os Suassunas, os Andradas, e o Brigadeiro Paulista do que elle, que hoje lhes faz a guerra porque não quer descer; Saiba que alguns Cavalantis tem a mesma vontade á chico doido, que lhe tem o Caneludo da Torre, no que estão de contas corretas, com elle, chico doido não se governa por minuta trazida de manhã, sendo aprovada a noite, na exphanca do chefe do batalhão ligeiro; finalmente chico doido he amigo de Queiroz e de Barata; porem não tem partido de homens, mas sim de opiniões justas, e assim mesmo por ser amigo destes não os julga infalíveis.

(*) O Catão tem dadas motivos justos a que os seus patriotas lembrando se da casta de párdio que elle tem o tratem por molato em desferço do atrevimento com que elle enche a boca de cabras, e...

(*) He seu irmão Feliciano que só para isso presta.

q' advogão como heroes à causa da Patria he' quesão perigosos: anarchistas, e o mesmo he' falar a hum armonisador do 4.º voto nos Suassunas, que fallar no diabo? (menos o Sr. Pedro que he' o melhor da geração, disem elles). Lembravame de huns artigos escritos por certo Dotor contra os Srs. Olandas; recordavame da conversa que tive com hum amigo, na qual me dizia elle — Barata está doido, perguntava eu; porque? — Porque escreveo huma Sentinella disendo aos pretos que era tempo dos brancos limparem-lhes os çapatos, dizia eu, he' mentira, não he', respondia o meo amigo pois o Dotor A.. (†) me disse a tinha lido, sustentava eu que não podia ser; o Barata he' incapaz de faser tal, eu o conheço, tornava o meo amigo, mas se eu lhe mostrar a gasetta? Então disse-lhe eu, ficarei convencido e darei o Barata ao diabo, e a mim tambem pelo ter conhecido. Passados dias pergunto pela gasetta, nada de gasetta, e assim levou-se o tempo sem apparecer a gasetta, the que zangado perguntei ao Dotor por ella; então me disse que tal gasetta não existia, e que elle tinha o que a vira por lhe ter afiançado outro su... Estes são os acuzadores do immortal e respeitavel Barata. Estes erão os perparat... para a perda da poder effectuar-se com segurança... me de hum outra conversação que me deu o outro amigo a respeito do redactor do J... qual me disse o amigo: este homem he' o... perguntei e... porque fala em Lam... que promove o h... Não cre... as suas ideias são lhes administr... Lord Esporas e Pipa, e se não sabe... eu lhe digo), Lam... sociedade secreta que minou a tyrania de Pedro I.º, e da existencia d'ella sabe Antonio Rodrigues Martins, sabia o muito honrada João Mendes Vianna, eu muita gente que por serem empregados alguns dos seus socios não referio os nomes, para que não sejam perseguidos; esta sociedade tendo principiado seos trabalhos, tractarã os membros de ver que titulo devia ter, e hum de seos membros por chalaça disse seja a Imande da Lampadosa, todos aplaudirão, e pegou a graça; eis a lampadosa: e quanto ao haitianismo não tenha susto d'elle, nós não somos crianças para nos mettem medo com tutus: Replicou o meo amigo — Mas elle defende a Robepier e dis que foi humano &c.

—Que nos importa a nos que elle ache Robepier humano? dice lhe eu que a felicidade d'elle Redactor fi não lhe calir nas unhas, e com isto tinha cabado a quesão. Aqui recordei-me tambem dos politicos transdentes, e quis descobrir as suspeitas dos Gamas, e achei que tendo sido um delles chamado pelos reunidos nas cinco pontas para faser lhes as correspondencias, parecia mais hum advogado dos proscriptos do que dos reunidos, tanto assim que por varias vezes que fui a fortaleza o via defendendo este, aquelle, e aquelle outro; e nomeio disto ouvia diserem-lhe: vossé veio ca' faser papeis, ou apatrocinar marinheiros e columnas?

Marchava para a pessoa a quem o Farrabraz da Boa-vista (†) chamava patife, e via que, mandando alguns amigos chamar a tal pessoa disendo-lhe que o Recife ameaçava ruina, respondia — Antes quero acabar debaixo della do que dar hum passo tão contrario a minha honra; visto, que posso ser chamado pelo Presidente, ou Commandante das Armas e não quero que me achem auzente.

He involvido nesse laberinto que rompe o dia de terça feira; pelas 8 horas da manhã chego al-

guns soldados a minha casa exigindo de mim que os commandasse, pois que elles vião seos patricios entregues ao furor dos Portuguezes, dahi a pouco chega outro grupo de soldados do Bat. Ilhão 44, hoje do commando do Snr. Carapeba, exigindo que lhes explicasse se o que vião era traição contra seos patricios: indagando eu o motivo de hum tal procedimento, vim a saber que o nosso novo Napolião, que da quarta the quinta feira a noite, andava de chapeo de palha e sem commenda, pois que não tem seo corpo para desempate de raivozes, vendo que os bons Pernambucanos não annuião nem concordavão com os destemperos das cinco pontas, tractou na quinta feira a noite de apresentar sua pericia Militar, correndo para o Recife e batendo de porta em porta dos taberneiros, como elle, gritando lhes: saião para fora que eu aqui estou, e tudo isto acompanhado com a maruja que o Presidente tinha mandado saltar de bordo das embarcações fasia hum exercito tamanho que julguei ser Napolião atesta dos Francezes para atacar os Russos: oube que o Snr. Manoel Cavallanni, parente dos Srs. Suassunas achava-se nos Afogados querendo qual outro Alexandre cortar onogordio, e a cabar com os anarchistas: tive sciencia certa de estarem os Romas como Farrabraz da Boa-vista e o Roldão de Gevasio (†) em S. Anna combinando fortes operações contra os anarchistas. He avista de tudo isto que conheci a manobra; e combinando o passado com o presente atinei com o segredo da nova columna, hoje coberta com o nome do *Sustentaculo da Monarchia* (†) e confesso que se alguma vez tive vontade de ser anarchista eoi no dia sexta feira quando me desenganei que havia traição, e quis por duas vezes sair, e juntar a gente q'podece, e reunir-me com os da Fortaleza, não para sustentar o que elles querião; mas sim para faser com que o governo deixasse a carreira das traições e fosse mais leal; porem como o meo coração, o meo corpo, e o meo sangue he' todo Pernambucano, sacrifiquei meos desejos a esta Patria que tantos sacrificios me tem custado. Eis a fiel exposição do quanto se passou a meo respeito nos movimentos das cinco pontas; e julguem os meos concidadãos da justiça, ou injustiça de minha perseguição.

Brasileiros a vós me dirijo, não acrediteis estes Proteos, elles vos insençao quando assim lhes convem pelos seos interesses pessoas; elles não tem Patria, sinão para receberem della Mitras Prézidencias, postos, Deputações, e lugares, e estão promptos a capitular sempre que o poder os amiasse, quem assim vos falla he Chico doido que não quer, nunca quiz, e nem quererá rasgas para fim tão infames; huma revolução quando a salvação do Brazil assim o exiga; porem lembraivos que sem levares ao cadafalso o governo que for tyrano e traidor ja mais tereis liberdade e socego.

Portuguezes com vosco tãobem fallo, não vos fieis nos perversos que vos insultão; para vos involverdes nos negocios do Brazil, estes mesmão serão os primeiros a assassinarvos no momento que a vingança appareça; lembraivos de hum Governo. e seo filho chefe do Batalham ligeiro; lembrai-vos de hum Pedro I.º no Rio de Janeiro e assim de outros que no Ciará arrancavão custellas de Portuguezes vivos; e hoje dizem que são amigos da ordem, e da lei!!! He mentira. Recolheivos da scena e tractai de vossos negocios e de vossas familias, assim fareis esquecer passadas rivalidades, e ganhareis a benevolencia dos Brasileiros.

Exm. Sr. Prezidente desta Provincia permita-me que eu tãobem dirija-me a V. Exa. Si vossa Exa. ja não he' o mesmo homem de 17, de 21, de 27 e 29 com tudo estou bastantemente convencido que ainda pode faser um relevante serviço á sua Patria, que he concedendo o passaporte pedido por esse assassino publico, por esse Reo de todos os crimes, e lançando de seo seio os Tailerandes e novos chalaças que o rodeião?

Francisco Antonio Pereira dos Santos
Fortaleza das cinco pontas 11 de Janeiro de 1832.

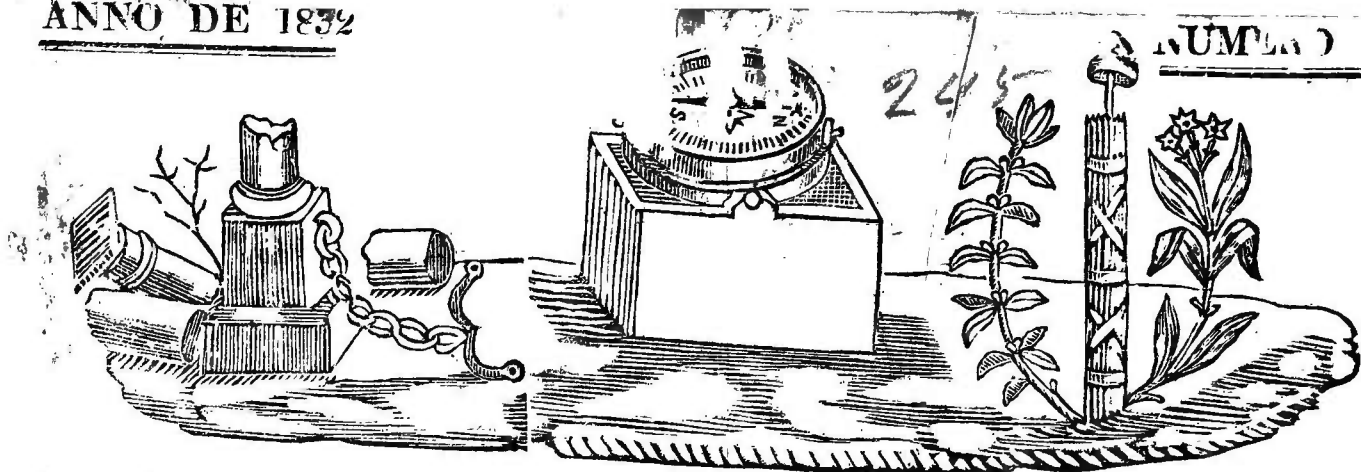
(†) Este he o genro.

(†) Nova Sociedade secreta, da mesma laia do columna. Logo o publico saberá quem foi o instalador.

Errata. Na pasna 138, na nota † onde dis isto não he segundo se dis leia-se na pasna 139 onde dis o Catão, e esta leia-se no lugar daquella.

(†) Esse Dotor apesar de usar d'oculos, cada vez encherça menos, e por isso enganou-se em affirmar ossa falsidade harmonizadora.

(†) Ja se sabe de quem fallo: he do pardo Catão



BÚSSOLA DA LIBERDADE,

PERIODICO POLITICO, E LITERARIO.

QUARTA FEIRA 18 DE JANEIRO.

Da Liberdade o Norte mostrarei,
 A despeito de tudo quanto não:
 Ou com ella vencer, como Aristides,
 Ou com ella morrer como Catão.
 Do Redactor.

Impresso em Pernambuco por Antonino Joze de Miranda Falcão.

CONHECEMOS a grande differença que há entre as circumstancias de um cidadão honrado, que se conserva firme nas fileiras da Liberdade, e as de um patife aventureiro, que divaga, e adeja de partido em partido ao cheiro de maior interesse; conhecemos que as circumstancias do primeiro não lhe grangeião mais que um renome, que se torna o alvo da inveja dos seus, e da perseguição dos contrarios, e que as do voluvel, que anda a pista de fortuna amontão-lhe ouro, titulos, e grandesa; conhecemos finalmente que em quanto aquelle passa dois, ou trez lustros na obscuridade do partido, em que permanece, este tem percorrido todos, apalpando-os com cauto pé (como quem piza em atoleiros de superficie encascarada) até firmar-se n'um, em que passe bem e tire vantagens, mas não com animo de persistir nelle se perigar; por cujo motivo si o partido succumbido reage, e sabe, eis o freguez dos bons partidos mettido nelle; e como já tinha feito fortuna no que foi de baixo, com esta mesma fortuna vem figurar no que vai de cima. Com effeito não há coiza mais segura; porem tãobem confessemos que não ha coiza mais ridicula.

E quantos exemplares d'essa collecção de bonifrates não existem entre nós? He preciso pois desmacarallos; porque não he com essa gente que havemos de chegar ao porte, que demandamos. He preciso que lhes façamos ver que a sua táctica não tem nada de fina nem de moderna; pelo contrario he muito grosseira, e muito sedição. He preciso em fim que se convenção que são mui tollos si se persuadem que ainda podem embaçar aos seus patricios escaldados com as rapidas metamorfoses de um Manoel Clemente, que Deos haja, com os protheismos de um Padre Muniz, que está em Roma, com as traições de um Martins, que ahi está no mato, com as volubilidades de um Padre Barreto, que está em Portugal, com as contradicções de um Gervasio, que aqui anda politicando, e armando gente para matar anarchistas, que só existem na sua vingativa caixola, assim como já consentiu que andassem anarchistas armados matando a gente disarmada, que existia em Pernambuco, &c. &c., &c. Ora, todos estes que deixamos nomeiados, e outros muitos que não queremos nomear, todos são grandes libera-loens, grandes patriotas; e temeridade seria duvidar dos seus patriotismos imposto-

res ainda mesmo quando principiarão a claudicar; e desmascarar-se porq' era tal a opinião q' tinham, que muitos dos seus amigos dizião, como S. Thomé: quero primeiramente ver, para então acreditar— *Nisi videro, non credam*—Virão finalmente, e desenganarão-se porem tarde e sem remedio; pois a mesma demora do desengano deu tempo sufficiente ao complemento das traições.

O que ha porem de mais notavel em tudo isto he que todos aquelles, a excepção do ultimo, perderão totalmente a opinião, que tinham no partido abandonado, e este pelo contrario, qual rochedo perigoso, ou cabo da Boa Esperança, como enfaticamente se intitula (sendo melhor que se intitulasse o Cabo das tormentas, e tempestades de Pernambuco) ficou no meio só para fazer mal, e bom um bem a sua Patria, como desastrosamente o tem mostrado ja n'um, e n'outro partido. Ao menos aquelles que se interessam com pouco se satisfazem; este levado da vingança, não hesita que o satisfaça: animou o *Batalhão ligeiro* em 22 para se vingar dos marinheiros de 17; deu 40 contos ao ex-Imperador em 24, segundo consta do *Conciliador* n. 40., para se vingar da expulsão que aqui soffreu em 23; faz hoje clubs em casa com o Snr. Catão, e outros, para se vingar do chò, que lhe deu a tropa do Snr. Carneiro em Novembro do anno p. p.; finalmente dizem (permita-se-me que por esta vez uze de semelhante fraze) armara com certos sucios (talvez da nova sucia intitulada— *Sustentaculo da Monarquia*) um corpo de 100 e tantos homens, para ficar ás ordens do Snr. Catão, que he o mesmo que ficar ás suas ordens, e da sucia. Teremos de ver brevemente ressuscitado em Pernambuco esses antigos *Sceleres*, que Romulo creou para sua guarda. Que proezas! que bravuras não teremos de admirar! Mas que nome se dará a esse novo corpo? Elle *Guarda Municipal* não he; *Guarda Nacional* menos; *Tropa de linha* peor um pouco; que dia-bo de nome terá pois essa tropa tão extralegal? Ah! já sabemos, he o *Batalhão ligeiro—harmonisador!* feichem as portas anarchistas! (Assim serão conciderados os que não respeitarem as ligeiras virtudes do Snr. GERVAZIO). Isto he que he homem amigo de crear tropas! Já no seu tempo, alem do *Batalhão ligei-*

ro, creou-se tropa em Goianna, tropa do Limoeiro &c. &c.: agora tropa na Torre. Porem de quem nos devemos queixar por tudo isto? A quem imputarem as funestas consequencias (que he muito provavel appareção) dos furiosos serviços, que se esperão de semelhante tropa? Do Sr. Presidente, e só do Snr. Presidente, por não ter a coragem de dizer-lhe, assim como lhe gritou n'Assemblea o seu honrado collega Mendes Vianna, que Deos tenha a gloria— *Ah Snr. Gervasio! ca commigo as bixas não pegão*—(*) Era assim que S. Exa. devia responder-lhe quando elle ou algum por elle lhe propoz a creação de semelhante tropa; mas qual! S. Exa. parece que nem conhece o character dos Brasileiros; parece-lhe que só com rigor seus patricios se governão; pois engana-se. No meio da maior oppressão do Tyranno, que nos deixou, foi que elles souberão mostrar a energia de seu character, e os Pernambucanos principalmente são os que menos se accomodão com oppressão. Parece vir aqui muito a proposito uma colxea glosada de improviso entre os prezos d'Estado em 24 á bordo do navio Lord surto no porto desta cidade. Eila:

Forja o rispido Vulcano

As doces prisões de amor

Gloza improvizada.

Ria-se embora o Tyranno

Da fortuna despresar-nos,

Que as armas, que hão-de vingar nos

Forja o rispido Vulcano:

O Povo Pernambucano

Não se leva com rigor,

Nem quer ter impio senhor

Que a garganta lhe opprima;

Pois só ama, beija, estima

As doces prisões de amor.

Disto ja devia o Snr. Presidente estar inteiramente convencido, e não consentir que se criasse um corpo extralegal (*) em crize tão melindrosa.

Si estamos pois no tempo de cada um

(*) Na acçuzação que no principio da presente legislatura fiserão certos Deputados ao Snr. Padre Venancio por pobre, o Snr. Gervasio achando-se ao pé do Snr. Mendes Vianna, so' lhe fasia fallar ao ouvido, e tanto o importunou ate' que o siso e firme Deputado lhe deu aquella desabrida resposta, que se infere ser contra a opposição que sustentou o Snr. Gervasio; porque o Snr. Mendes Vianna era favor do Snr. Venancio. Entre tanto o Snr. Venancio vai hoje aos clubs daquelle que ja o desprezou por pobre!!!

(†) Quando havão chicanistas que sustentem o contrario, haverá homem sensato, que o julgue politico.

poder armar seu corpo de tropa, sua guerrilha, ou seu Batalhão ligeiro para sustentar os seus caprichos á título de sustentar a boa ordem e defender a Patria, então gritaremos também ao Povo: *Pernambucanos, ás Armas! Um partido suspeito pelos individuos, que estão á sua frente trata de armar, e de facto ja armou a 120 homens, sem que outra lei para isso o authorise, mais que a sua vontade sanccionada unicamente ou pela ignorancia, ou pela muldade, e espirito de partido do Presidente que desgraçadamedte vos governa: vede que estais trahidos, e q' o Governo he quem vos trahе: quando não fosse bastante o passo inconstitucional, e arbitrario da creação dessa insidiosa tropa, sufficiente motivo tendes, para tambem vos armar, e por alerta, pela conducta dos individuos, que á creação, e pela perseguição das pessoas, a quem ella he dedicada: basta dizer-vos que he tropa creada por Gervasio Pires Ferreira, Luis Gomes Ferreira, e Francisco Antonio d'Oliveira, e submittida ás ordens de Jozé Ferreira Catão para desconfiardes della: embora vos digão que isto foi authorisado pelo Governo contra os anarchistas; o Governo não pode exorbitar da Lei maxime em plena paz; e si exorbita, tem dilacerado o pacto pelo qual os subditos são obrigados a obedecer-lhe; tem se tornado criminoso; tem promovido emfim essa mesma anarchia, que affecta querer evitar; e neste caso a vós Pernambucanos livres, que vos interessais pela salvação da Patria, a vós compete o salvalla, repellido a força desses perversos, que por não vos poderem comprar, vos procuraõ degolar!!!*

P ASSAMOS agora a dizer alguma coiza sobre aquelle celebre officio do Sr. Deputado J. M. Carneiro da Cunha que vem no Harmonizador N.º 4. Tudo neste officio he singular, e aproveitavel; ate o modo com que o Redactor do dito Harmonizar principia, merece alguma reflexão; principia-remos por elle.

Diz o Redactor — Com prazer transcrevemos o officio seguinte — em que consistiria o prazer de hum Harmonizador em transcrever hum encandeamento de asneiras, e mentiras de que todo o Pernambuco está o fato! Seria por o Sr. Joaquim Manoel (que hoje na Corte conhecido por um fre-

netico tão intoleravel, que o alcunhão de *cholera morbus*) atirar-se a nos como gato a bofes? Coitado! foi tão precipitado, e infeliz na sua aggressão, que ferio-se com as suas proprias armas. Inclina-mos-nos pois a crer que o Sr. Redactor do Harmonizador, si não falla serio, está mangando das mentiras do *cholera morbus*, em dizer que com prazer transcreve aquelle officio: si porem affirma isto com sinceridade, e por convicção, permitta-nos então que lhe digamos que não he Harmonisador, e sim des-harmonisador; porque quem quer harmonisar não transcreve semelhante peça; mas tal será a qualidade, e fim dessa inculcada harmonia, que assim seja preciso. Deixemos pois de parte a sinceridade, ou insinceridade do Redactor do Harmonisador, e passemos aos descêcos do Redactor do Officio, que com prazer foi transcripto.

Examinemos primeiramente o officio: principia assim esta boa peça, que tanto praser deu ao Harmonisador, Illus Snrs. „ (Falla com alguma das Camaras da Parahiba, talvez com a da Capital) Julgando do meu dever, não só emittir a „ minha opinião, como cidadão Brasileiro muito interessado na felicidade da „ Patria (Dê-lhe por ahí) e prevenir a V. S. S. como Deputado, a cerca dos „ principios declarados por dois escriptores „ — os Redactores da *Bussula* e do *Diario* (He mentira; o Redactor do *Diario* nunca se ingeriu em semelhante „ questãõ) e pelos membros de uma sociedade instada na Capital de Pernambuco „ (segunda mentira, e ainda mais agravante; leiaõ-se os seus estatutos; leiaõ-se „ as actas de suas sessões; deponhão todos os que tem sido expectadores de seus „ trabalhos; examina-se emfim a conducta „ de seus membros; em nada se descobrirá „ o que affirma tal officio, que só parece „ prevenir a S. S. S. para incutir desconfianças, e ateiar intrigas entre Parahiba „ e Pernambuco) que pertendem demonstrar não só a necessidade de proclamar „ ja a federação sem esperarem pelas reformas propostas, e aprovadas na Camara „ dos Deputados, como juntamente a conveniencia da reunião das Provincias de „ Alagoas, Pernambuco, Parahiba, Rio „ grande do Norte, e Ceará: (a *Bússula*, „ e só a *Bússula* foi quem demonstrou a „ qui, consultivamente, a necessidade de „ proclamar se a Federação já; e nesse

„ tempo ainda não tinha apparecido o
 „ Projecto de reforma (*) e quanto a re-
 „ união das Províncias tãobem he falso,
 „ que outrem, fora de nós, fallasse em tal
 „ coiza, e isto mesmo foi emittido, não co-
 „ mo demonstração, mas como simples o-
 „ pinhão (*); o Sr. Deputado deve pezar
 „ mais o que diz, maxime, quando escre-
 „ oficialmente). *Continuar-se-há*

CORRESPONDENCIA

SR. Redactor.— He sem duvida a ma-
 ldecencia o peor, e o mais vil dos recursos,
 ainda mesmo que a pessoa que d'elle uze
 seja um particular, quanto mais uma Au-
 thoridade primeira de qualquer Provincia;
 mas felismente temos a liberdade da Im-
 prensa, esse palladio da honra dos Cidadã-
 os, e o meio mais licito, e facil para fazer
 apparecer a verdade, que salva a honra des-
 primida: vou por tanto Sr. Redactor censur-
 ar um acto do Exm. Sr. Presidente F. de
 C. P. de A., por o qual nimamente cre-
 dulo S. Exa. teve a desorbanidade de tira-
 namente macular com lapso de pena a hon-
 ra de mais de 500 Pernambucanos que se
 reuniram (em verdade extra legalmente)
 na Fortaleza das 5 Pontas nos dias de No-
 vembro, dizendo o mesmo Exm. Sr. em um
 officio que corre impresso que algumas ca-
 zas ja haviam sido arrombadas por esses re-
 unidos, e o mais offensivo ainda he publi-
 car-se esse officio depois de restituída a pás,
 quando ja S. Exa. devia estar cabalmente
 informado que a esses reunidos se deve a se-
 gurança da Cadèia, da Alfandiga, e do so-
 cego da Cidade durante os dois dias que S.
 Exa. abandonou essas couzas; e que por
 este abandono se viu o Juiz de Pas obriga-
 do a pedir a esses homens taes socorros S.
 Exa. devia ter mandado recolher esse offi-
 cio em que (inclino-me a crer que por mal
 informado) profundamente feriu a honra
 d'esses Cidadãos, alias n'esse ponto dignos
 de todos os louvores.

Seria mais prudente que S. Exa. com a-

(*) Logo que appareceu o projecto da reforma, que foi quizi-
 ao mesmo tempo, que tractava-mos desse objecto, não consta que
 sustentassemos mais a necessidade de federação ja, o que não tere-
 mos duvida de renovar, si virmos que na proxima Sessão do presen-
 te anno não apparece promulgada a lei na forma do art. 176 da
 Const.; e si o Sr. Despropositado da Parahiba tem encomenda
 do Sul para se oppor a isso no Norte, tem de se bater com muita
 gente, que ja não crer nas suas palavras.

(*) Temos a nosso favor o art. 179 paragrafo IV da Const.
 que diz assim — Todos podem communicar os seus pensamentos
 por palavras, escriptos, e publicallos pela Imprensa, sem dependencia
 de censura: com tanto que hajão de responder pelos abusos,
 que commetterem no exercicio deste direito, nos cazos, e pela for-
 ma, que a lei determinar com isto temos respondido sobre a nossa
 opinião a respeito da reunião das Províncias do Norte, que toda-
 via não sustentaremos por termos conhecido que não he mui van-
 tajosa, mas não porque estejamos pela authoridade do Sr. Joa-
 quim Manoel, que para nós he nulla, e nullissima.

PERNAMBUCO NA TIPOGRAFIA DO DIARIO, RUA DA SOLEDADE N 498 1831.

quella publicação do officio sobredito não
 irritasse mais os animos, pois que bastantes
 motivos tinha, e tem, para estar convenci-
 do que se o patriotismo da gente que agora
 se persegue, não antevisse os horrores, que
 se podião seguir, se os reunidos nas 5 Pon-
 tas alcançassem a palma, viriamos elles dar
 a lei, sem nada valer a S. Exa. a maruja
 quasi toda Portugueza, e os Colonnos Ale-
 maens, á quem S. Exa. a imitação de Pe-
 dro vivas tem entregado as armas, e a prin-
 cipal Fortaleza d'esta Provincia: seria, sim
 mais prudente se S. Exa. mandasse para
 catucá esses colonnos, e não estivesse fazendo
 a desgraça d'estes mescreveis, desafian-
 do contra elles o odio dos Pernambucanos:
 seria mais razoavel que S. Exa. fazendo se
 mais Nacional ordenasse que os Brasilei-
 ros adoptivos entregassem as armas quando
 sahisse.m das guardas que montam, como se
 obriga fazer aos Brasileiros natos: lembres-
 se S. Exa. que a ansa que tem dado aos
 Portuguezes hade ser cauza (quod Deus
 avertat) de desgraças incalculaveis: final-
 mente deixe e S. Exa. depor em pratica as
 occultas ordens que parece recebeo (assim
 nos indus a crer sua ostensiva conduta)
 do partido recolonizador da corte, e saiba
 que jamais se conseguirá fazer dos zangó-
 ens do Rio o que eram os Targines.

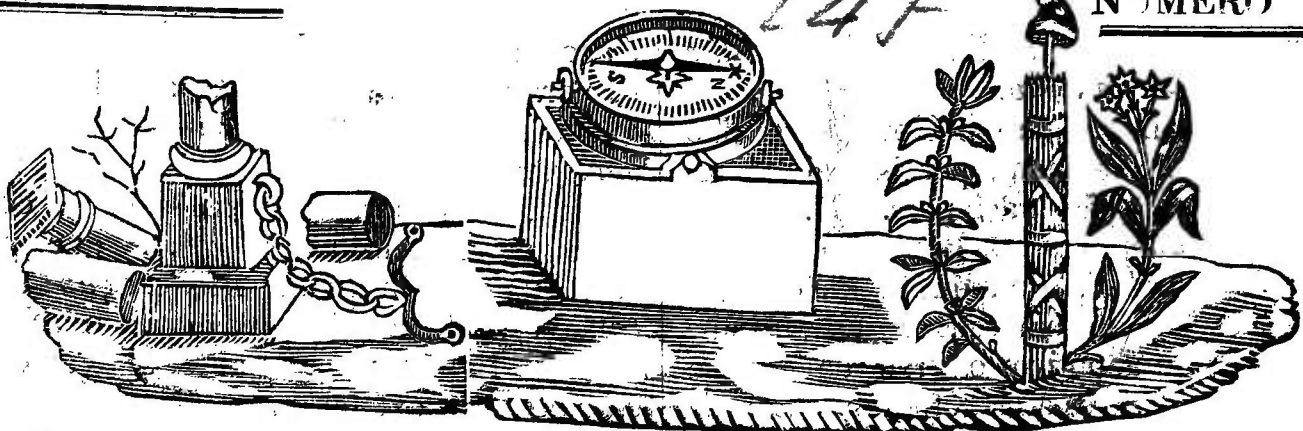
Se estas linhas, Sr. Redactor, couberem
 na sua Folha muito obrigará a este
 que apezar de sensurar os actos das Au-
 thoridades está prompto a sacrificar a vi-
 da para as sustentar, e aniquilar a anar-
 chia em qualquer parte que appareça, e
 sejam quaes forem os seus authores. Sou,
 Sr. Redactor,

Seu Amigo, e Constante Leitor

O Liberal

PADVERTENCIA.
 OR certo inconveniente sahiu o n.º an-
 tecedente na segunda feira devendo sair no
 Domingo, o que esperamos não acontecerá
 mais. Os Srs. subscriptores, a quem tiver fal-
 tado a entrega da folha queirão ter a bonda-
 de de reclamar, mandando declarar os seus
 nomes, e moradias na loge do Sr. Bandeira
 na rua do Cabugá, ou ao mesmo distribu-
 idor da dita mais por ser novato, e ter
 encontrado alguma confusão nas listas, tem
 tido difficuldades em acertar com todas as
 cazas.

Erratas mais essenciaes do n.º antecedente. Na
 pag. 6., col. 2, lin. 11 — tação — Contão Na
 pag. 8., col. 2, lin. 58 — Governo — lea-se: Gervazio.



BÚSSOLA DA LIBERDADE,

PERIODICO POLITICO, E LITERARIO.

SEXTA FEIRA 20 DE JANEIRO.

Da Liberdade o Norte
 A' despeito de tudo qua' to he vão:
 Ou com ella vencer, como Arisides,
 Ou com ella morrer como Catão.

Do Redactor.

Impresso em Pernambuco por Antonino Joze de Miranda Falcão.

PARA que o Publico se convença de que o systema de traição acobertado com o doce nome de *moderação* está diffundido em todo o Brasil apresentamos o artigo, que abaixo vai transcripto, pelo qual o mesmo Publico se certificará de que a Cauza da Liberdade não está correndo a revelia; porque o Redactor do Observador Constitucional de S. Paulo, foi que substituiu o lugar do falecido Badaró assassinado (segundo consta dos autos, pronuncia judicial, e fama publica) por um collega do Sr. Cornelio, inimigo da Liberdade da Imprensa, está hoje naquella Provincia, fazendo o mesmo, que nós fazemos nesta, isto he, desmascarando os traidores, pulverizando a fingida *moderação*, e mostrando o verdadeiro norte da Liberdade; e não obstante ser um *Cursista*, que está a concluir a sua carreira literaria, talvez, com destino de seguir a *Magistratura*, todavia não se curva ao Sr. Padre Feijó, nem bajula ao Poder, como fazem certos miseraveis, que si não forem despachados nestes dois annos para soldar a quebradeira dos pais, perdem de todo o pouco juizo, que tem. Por aqui ja se vê que não somos nós somente que pensamos mal da tal mo-

deração traidora; esse vigilante Observador em distancia da Bussola mais de 17 grãos, parece ter presente lá, o que nós escrevemos cá ao mesmo tempo, de sorte que si estivessemos perto um do outro poderiam diser os fingidos moderados, que estavamos mamcommunados, para os bater. Conheção esses perversos, que os sentimentos de liberdade são communs, e que os homens de bem, e escriptores livres do Brasil em todas as Provincias pensão do mesmo modo. Passemos pois ao artigo n. 177, que vem no dito Observador Constitucional de S. Paulo.

ANARCHISTAS, *anarchistas*, *Exaltados*, *anarchistas*, *homens indiscretos*, e *que cavão inconsideradamente a ruina da Patria*; *atropeladores das leis*, *não respeitadores dos direitos do Cidadão*, e *que perversos procurão hoje tirar ao Governo essa pouca força, que lhe resta &c.*: eis as frases, que hoje se ouvem somente da boca da *moderação*, e que são applicadas indistinctamente a todos aquelles, que tem a infelicidade de não pensar como elles pensão, ou de não ver as coizas pelos vidros, de que se elles servem. Um Governo Nacional não deve ser censurado: *censural-o é*

promover a ruina da Patria, é tirar-lhe a força, que lhe resta.

Nós julgamos, que um Governo se não pode chamar Nacional, por isso só que seus Membros sejam nacionaes. D. Pedro, inda que adoptivo era Brasileiro, e nem por sel-o, diria alguém, que elle não deveria ser censurado em seus Ministros, que ou natos, ou adoptivos o erão da mesma sorte. E' só pelos seus actos, que se pode conhecer a Nacionalidade d'um Governo.

Si corremos os olhos sobre o Brasil, e indagarmos os melhoramentos, que tenhamos tido pela revolução de Abril, uma só coiza não vemos, nem nenhum *Moderado* mesmo nos será capaz de mostrar, em que tenhamos melhorado. A má escolha de empregados, a desmoralisação do Corpo Judiciario, e a impunidade dos inimigos da Patria continuão como sempre. Os mãos empregados, os homens satellites de D. Pedro; e que mais trabalharão para nos escravisar se achão hoje ainda em seus mesmos postos, redoião e bajulão o actual Governo, que quer, que se o chame Nacional, porem, que não afastando de perto de si, e dos empregos, esses homens odiosos, não vê, que necessariamente deve o Povo julgar d'elle, o mesmo que julgava do Governo transacto? Brasileiros poderão crer sinceros os elogios do Diario Fluminense, redigido pelo Snr. Conigo Januario, que em tempo de D. Pedro um só momento não deixou de insultar á todo o Patriota, que mais levemente censurasse as loucuras, e traições do Governo Imperial?

Não será hoje uma carta de recommendação contra o Governo um elogio d'essa folhá, que só serve ao poder, e que o elogiara aonde quer que elle se acie? As censuras ainda as mais injustas feitas por outros Periodicos, e respondidas por este Jornal, não tomarão só por isso o character da justiça? Não vê o Governo actual que marchando d'esta maneira poderão faser crer ao povo, de que se servindo elles das mesmas mollas de que se serviu seu antecessor, quererá elle ser traidor da mesma sorte?.... E onde irá ter o Brasil? si por um momento se acreditar opinião tão falsa, quanto pode ser nociva!

E' só bradando contra *anarchia*, que se evitará a *anarchia*? E' gritando, e pregando, que expellir para fóra do Brasil todos os Portuguezes é tanto injusto, como prejudicial? Não por certo:

é necessario obrar, e obrar com Nacionalidade para afastar de nossa Patria os horrores, que a ameação. E' necessario, que a *Moderação*, querendo salvar aquelles, que nos insultão não intriguem Brasileiros com Portuguezes indistinctamente, e que por isso, que quer intitular *Moderação* essa condescendencia criminosa com inimigos de nossa Patria, procure antes apagar odiosidades, que excital-as.

Quem vos dice já, que os Portuguezes devião todos sahir do Brasil?.... Não se tem só clamado pela punição dos criminosos?... Não se tem dito mesmo, que punindo os Portuguezes, que nos forão traidores, é que poderão ficar seguros os Portuguezes honrados, que entre nós existem? Para que confundir pois todos os Brasileiros adoptivos, e Portuguezes com a cacheirada vil da Rua da Quitanda, e Rosario (do Rio Janeiro)?.... com os tamancões das tabernas, que esquecidos, de que entre nós vierão mendigar o sustento ingratos erguerão seus braços para derramar o sangue de nossos irmãos, coadjuvar um traidor, á quem do nada haviamos elevado ao mais alto emprego da Nação, e darem-nos em troco, de nossa boa fé, e hospitalidade os ferros da escravidão mais vergonhosa?! Forão por ventura os Portuguezes Capitalistas, aquelles que alguma coiza tinham que perder, os que aos magotes percorrerão as ruas em as noites de Março armados de varapãos, e pistolas, e espancando a quantos Brasileiros encontravão?.... Forão os Portuguezes entre nós estabelecidos, e casados com nossas irmãs, ou ligados por outros vinculos á nosso sollo, os que assim nos insultarão, e atacarão?.... Não por certo: Para que pois confundir a punição dos criminosos, que se tem pedido com a *deportação das massas*.... arvorar cacheiros miseraveis em Capitalistas abastados?.... A *Moderação* não será capaz de faser crer, senão á embeceis, ou homens de má fé, que forão todos, todos Capitalistas, os que no Rio de Janeiro nos atacarão em Março. Alguns o forão porem em pouco numero.

Era pois para assegurar os mesmos Capitalistas Portuguezes, que o rigor das penas deveria ter perseguido os ingratos: era assim, que se poderia, apagando revalidades, e odios nocivos, estabelecer a tranquillidade, e segurança, porem que não será

facil hoje estabelecê-la por se ter confundido os máos Brasileiros adoptivos com os Portuguezes honrados, que tem tomado por Patria o Brasil, querendo com tal confusão salvar aquelles.

Demos por barato, que 20, 30, 40, e mesmo 50, Capitalistas Portuguezes são criminosos, e devião deixar o Brasil: ficaria com isso o nosso sollo pobre, e sem commercio?.... A paz, a tranquillidade, consequencia necessaria do vigor das leis não attrahirão á nossa terra em pouco tempo um numero maior de Capitalistas?.... Quer-se o ouro, e pisa-se a Nacionalidade?.... Baixeza incrível de encontrar-se em Brasileiros! Nã correm hoje os Capitaes para fora do Imperio com mais velocidade?.... A paralisação do Commercio, os sustos em que se conservão os criminosos, os odios excitados hoje pela *Moderação fingida* entre elles, e os ultrajados, tudo não nos pode traser, e já nos não tem trasido infelizmente um numero maior de malles, uma somma maior de prejuizos?.. A experiencia o prova, e a *Moderação* hoje só poderá responder com a sua favorita — *Anarchistas, anarchistas* — aquelles que fiserem publica verdade tão dura.

Quer se o Governo das leis, mas as leis devem só ter vigor contra Brasileiros, e contra aquelles Brasileiros, que tem mostrado, que se não sabem curvar á homens, sim a lei, e a razão. E' contra estes, que se suspendem cartas de seguro; que se mandão abrir devassas perigosas, pois que são abertas depois da victoria d'um partido, e quando ainda se não tem punido os criminosos vencidos. E o que se espera d'ella? criminar todos aquelles, que se distinguirão em Abril, perseguir aquelles, que corajosos quebrarão-lhes as cadeias, que elles supunhão achavão pesadas, mas que arrastavão com prazer. Fazer que a *Moderação* triunfe, ainda que seja entre os gemidos da innocencia, salvar aquelles, que tem jurado salvar ainda, que seja a custa da Patria. E o conseguirão?.... Julgamos, que não: a mascara do engano deve cahir um dia, o Governo da Regencia, que se compoem de homens experimentados, devem conhecer em fim a posição falsa, em que se achão, a razão deve triunfar somente. Si até hoje ainda o Governo não tem bem conhecido sua posição melindrosa, homens, que julgão, que a verdade se não deve dizer, que

um Governo Nacional não deve ser censurado tem para isso concorrido. Não seguiremos esses principios, nem outros os seguiremos, hoje mais que nunca é necessario, que seja-se franco com o Governo, que uma vez chido deve trazer sobre nossa Patria um sem numero de males. Adulem; escordão outros os precipicios, em que nos vamos a despenhar, caminhando assim o Brazil, nós os censuraremos sempre sendo necessario, lhe fallaremos sempre a verdade. Si a *Moderação* julga, que isto é promover a *anarchia*, nos julgamos, que promovê-la é seguir a marcha opposta. E queira o Deus d'America, que o tempo não demonstre como verdadeiro, o que temos avançado."

Então he ponta, ou cabeça? He systema, ou não he? Querem a perseguição dos Liberaes, ou querem-lhe dar deee! Mais isto ainda não he o bonito, porque o mais engraçado he elles adoptarem o systema do Conde dos Arcos, e depois imputallo aos Liberaes. Este systema he aquelle mesmo que o Sr. Barata ja explicou em uma das suas Sentinellas; mas não obstante nos o explicaremos em resumo. Elle consiste em trazer os Brasileiros assustados com insurreições de escravos, tendo por fim desunil-os com intriga de cores, como si os pardos, e pretos livres do Brazil Constitucional estejão no mesmo cazo dos escravos de S. Domingos no tempo de colonia da França. Este systema foi adoptado pelo ex-imperador em seu gabinete secreto, do qual o Marquez de Baependy era membro nato, com chalaça, Rio-pardo, Bispo de Anemuria, Conde de Lages, e outros que sempre forão inimigos do Brazil, e hoje rodeião a Regencia metamorfozados em amigos da ordem, no Rio de Janeiro, assim como aqui são prezentemente o Chefe do Batalhão Ligeiro, o Lord Espora, o Lord Pipa, os arrancadores de costellas a Portuguezes vivos no Ceará, e o Especulador das Apolices da Companhia, e outros referidos no novo Methodo. E para que os nossos Leitores fiquem mais bem orientados nesta materia, saibão qual he o character dos Srs. Silva, e Meirelles, ambos pardos, e doutores em Medicina, com a differença que o primeiro he um liberal de todas as Epochas, amigo, e companheiro fiel do honradissimo Mendes Vianna, e por isso clacificado *anarchista*, e o Sr. Meirelles aristocrata, impostor que fas consistir o seu merecimento em ter-se formado na França (temos alguns

destes aqui) sem por isso o igualar em honra, virtude, e nem mesmo em conhecimentos, porem tido por moderado, amigo do Governo, da ordem da Lei e tudo quanto he bom.

S. PAULO.

Não podemos deixar de recommendar muito, e muito aos nossos leitores a leitura de dois pequenos folhetos, que correm impressos. Um do Sr. Meirelles contra o Sr. Silva, outro d'este Cidadão Patriota em resposta, e desmascarando o Sr. Meirelles. A materia contida, ou debatida nestes dois folhetos é interessantissima; nada menos é do que saber si é, ou não certo, que o Sr. Meirelles se achava nesta de uma revolução haitiana. A Fazenda do Sr. Baependy é apontada como o centro: por todas as Provincias se tem espalhado emmissarios, e traducções do Abbade Gregorie, e principalmente para Minas, e Bahia. A nosso modo de pensar, não sabemos, como se safará d'esta arguição o Sr. Meirelles. O Sr. Silva parece levar este negocio á evidencia, declara ter sido convidado para esta Sociedade pelo Sr. Meirelles; aponta mais 6, ou 7 pessoas, que forão da mesma maneira convidados, e pessoas de confiança, como sejam o Sr. Francisco Alvares Branco Munis Barreto Deputado pela Bahia etc. etc.; e ainda mais contra o Sr. Meirelles apparecem os factos. Ouve um movimento de escravatura na Villa de Valença: ahi declarou-se, que a conjuração vinha da Fazenda do Sr. Baependy, negros forão mandados vir d'esta fazenda, e a Bohomia do Sr. Juiz de Paz pôs tudo em mortorio, havendo até perseguição contra um Cidadão que mais empenhado se mostrou em indagar, quaes fossem os cabeças. Os folhetos que temos recommendado trazem a luz do dia sobre este negocio.

Si conhecer-se a verdade d'esta questão, e for certo, (como penso não se poderá mais duvidar) que o Sr. Meirelles se achava a testa d'um tal movimento, temos resolvido um problema de nossos tempos, saber, o que deu motivo a insurreição de Julho. O Sr. Silva no seu folheto toca nisto e avança,

ter ella sido ordenada pela sucia do Sr. Meirelles. Porem a ser isto certo, com que agoas se lavarã a moderação das arguições, que tem feito a exaltação? E' um exaltado, quem tem dado ao publico a ponta da linha, que deve desinvolver, e fazer publica a revolução mais negra, e horrorosa. E' um exaltado, quem tem vigiado passo á passo o Sr. Meirelles, quem lhe tem mesmo levantado barreiras para obstar seus planos, que tem feito sciente a immensos Cidadãos d'esta conjuração tremenda. E o que é o Sr. Meirelles? Um homem de linguagem moderada, aquelle, que declarou ter defendido á João Bonifacio por acto de humanidade, um bajulador da Regencia, aquelle que ainda em tempos da Regencia Provisoria, receioso de que fossem seus planos patentes, foi impenhar-se com o Sr. Vergueiro, para que o nomeasse *Diplomata*.

Uma coiza notaremos em todo este negocio, e que não poderemos poupar ao partido *Moderado*, porque não tem as suas folhas fallado com clareza sobre este assunto? Deixar-se-hia de saber no Rio de Janeiro pouco mais, ou menos de que o Snr. Meirelles tramava d'esta maneira contra a Patria? Ou haveria vergonha de o declarar, pois que o Snr. Meirelles era conhecido como Moderado, e a *Moderação* havia arguido esse crime aos exaltados? ... O Tempo apresentará a verdade.

O Snr. Silva termina o seu folheto, dirigindo-se ao Snr. Meirelles d'esta maneira — " Saiba o Snr. Meirelles, que eu não ignoro, que estão divididos em Centurias; que a fazenda do Snr. Baependy é o lugar para onde se hão-de hir refugiar os da Cidade: que sei de que casa sahirão os barriz d'agoardente, que se deu a Tropa (á 14 de Julho,) e quem andou visitando as guardas na noite de 15, e que por signal cahiu do cavallo na travessa do Paço: que fui sentenciado á morte, e que se me fiserão esperas: que os Socios Haitianos tem adoptado por systema linguagem *moderadissima*; mal disserem de dia do que tramarão de noite, e menos cabarem uns aos outros para não serem conhecidos. Diga agora o Sr. Meirelles, o que quizer, porque não lhe responderei, senão no Jury. ,,

A BUSSOLA DA LIBERDADE

EM PERNAMBUCO.

PELO SEU PRIMEIRO REDACTOR J. BARBOZA CORDEIRO.

NUMERO EXTRAORDINARIO.

Tremei, Tyrannos, que opprimis com dura-
Escravidão os Povos,
Não se erga em vosso quente sangue tincta
Da Liberdade a Palma!
(Felinto Elisio.)

ANNO DE 1835. TERÇA FEIRA 31 DE MARÇO.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO POR PINHEIRO E FARIA, 1835.

HAvendo se-me instantemente rogado (cês que aqui cheguei do Rio de Janeiro em Outubro do anno findo) para que escrevesse contra a despotica Administração do Snr. Manoel de Carvalho, constantemente recusei empunhar a penna contra um patricio, a quem por tantas vezes eu mesmo havia elogiado (quando ainda illudido com seu falso liberalismo) inculcando-o até como unico Patriota digno da confiança dos Brasileiros. Este meu silencio porém, filho da vergonha e do pèjo, que me causava o grosseiro engano, em que eu e muitos liberaes haviamos cahido a respeito desse homem, longe de me acobertar das furias da sua facção, foi interpretado como reprovação manhosa e covarde, que devia ser de rijo atacada; pois que os facciosos entendião, que eu devèra continuar a elogiallo, como d'antes, ou censurallo com a franqueza, que costume. Em consequencia di-to fui logo considerado *velhaco de fabrica coberta*, e como tal provocado com injurias e columnias, n'um Periodico intitulado—O Velho Pernambucano—folha, que vegeta no immundo estêrco dos insultos, e que foi criada para sustentar o Snr. Carvalho, e descompor os Liberaes, que reprovão suas arbitrariedades, maxime os Deputados da Opposição.

Excitado pois por esta maneira julgo do meu dever romper o silencio, e escrever contra os factos do meu supposto heroe de 24, e de sua actual e despresivel facção. Desculpe-me o Grande Mestre da *Confederação do Equador*, por cuja causa soffri 3 annos e meio de rigorosa prisão, e outros

tantos de assustada fuga por evitar uma sentença de longo degredo, que tive por haver sido seu partidista, desculpe me, digo, que eu me envergonhe dessa loucura, e que hoje faça ver ao Publico que ainda sou o mesmo, e que *Velhaco de fabrica coberta* tem sido elle, por haver illudido a tantos Pernambucanos sinceros. A minha reputação atacada por seus vis aduladores não me dispensa de assim o fazer.

Sempre fui franco, e hoje mais que nunca o devo ser; pois que alem de estar garantido pela Lei, me considero assas independente, segundo minha posição social. E quando assim não seja, deverei por ventura succumbir e callar-me avista de uma facção desacreditada, sem honra, sem brio, sem força moral, composta de monstros assalariados para assassinarem a Cidadãos pacificos, para atterrarem a Sociedade com prisões illegaes, para insultarem os homens de bem com escriptos infames, para finalmente provocarem os Deputados da Opposição com injurias e calumnias? Deverei fugir e desaparecer da Provincia, que me viu nascer, para omisiar-me em algum canto do Brasil, a fim de que se acredite, que Pernambuco está geralmente *Chumango*, visto que os Representantes do Imperio, que são de outros sentimentos, não achão nelle acolhimento, nem asylo? Deverei em fim prostrar-me, pedir misericordia, e trāsigrir com a canalha mais abjecta da Provincia, fazendo crer com sentelhante fraqueza, que ella prepondera em opinião no Paiz? Ah! tamanha injuria e vergonha jamais farei á minha Patria! Embora esses liberticidas conspirem contra mim, e assy-

lem seus assassinos! Venhão que não mudo passo.

„ Onde Honra, e Liberdade é combatida,
„ Não se deve estimar em muito a vida.,,

A tudo estou disposto; a propria morte me é ja indifferente á vista da desgraça, em que vejo Pernambuco. E que perco eu em morrer em um paiz escravizado? Basta que desça comigo ao tumulo a consolação de haver acabado como principiei, desempenhando a expectativa dos meus Constituintes, que ja me conheciam, quando me elegerão seu Deputado. Estou certo que por sabio não fui que lhes mereci esta honra, mas por me julgarem capaz de não ceder á seducção e ao medo com prejuizo de seus Direitos e Liberdade. Heide mostrar-lhes, que não se enganarão comigo.

Nunca fui, não sou, nem pertendo ser, revolucionario de fabrica coberta; sempre tenho apparecido de publico nas revoluções, em que hei entrado. Antes porem de me envolver nellas, duas questões me proponho a resolver: primeira si o fim é justo; segunda si os meus serviços poderão ser proficuos. Logo que em minha consciencia resolvo estes dois problemas pela affirmativa, comprometto-me sem reserva, sem ambiguidades, sem me assustar com o resultado; e nunca me queixei de haver sido illudido por outrem, como consta das minhas Defezas, e Justificações appresentadas nos Tribunaes, que forão creados para julgarem os compromettidos de 17, e 24.

Do que venho de expor. poderão os Chimangos facilmente ajuizar qual tenha sido meu comportamento na presente agitação, em que se acha Pernambuco, isto é, conhecerão, que não tenho procedido de um modo capcioso e avelhacado, por me haver recolhido ao silencio, visto que outra couza me não competia fazer, sinão reprovar particularmente com os meus amigos o despotismo, que peza sobre a Provincia, e lamentar sua sorte; pois com quanto eu reconheça a razão e justiça dos que, com as armas na mão, hoje resistem ás arbitrariedades do Sr. Manoel de Carvalho, nem um serviço publico agora lhes posso prestar, nem como Representante da Nação, pela incompetencia do lugar em que me acho; nem como particular, pela falta de segurança individual, que observo com a violação da Lei fundamental da parte desse Presidente, (que de facto ha suspendido as garantias Constitucionaes) e contra o

qual nem eu, nem meus Honrados e Illustres Collegas da Opposição, podemos aqui abrir valados para fazello esbarrar em sua desahestada carreira. Mas si a sua facção pertende por essa indigna arguição arrancar de mim uma confissão publica, para saber de que modo me deve fazer a guerra (si como a inimigo encoberto, ou descoberto) responder-lhe-hei, que me deve fazer a guerra como a inimigo descoberto da tyrannia; pois que sympatiso com toda a resistencia, que se faz ao despotismo, resistencia sancionada pelo nosso Código, e gravada no coração humano; por cujo motivo tendo eu sido acerrimo partidista do Sr. Carvalho em 24, hoje não posso, nem devo defendello em seu governo. Entretanto não podendo, nem me convindo fazer mais do que isto, contento-me em lamentar, como já dice, com os amigos no interior de minha caza (posto que já não a concidere azylo inviolavel) as tristes, e ominosas scenas, que presenciámos diariamente nesta Capital, e de que temos noticia no resto da Provincia. Si isto é crime, si isto é ser vellhaco, como diz o *Chimango* na folha da facção, todo o Pernambuco, excepto a mesma facção, é criminoso, é vellhaco.

Mas todos conhecem as manhas e desejos dos chimangos; elles querião que os Deputados da Oposição sahisseni a campo, como doudos armados de granadeiras, e patronas, gritando — morra Manoel de Carvalho! — para dali se auctorisar este Senhor a mandar-nos prender, e até assassinar, como talvez deseje, e haja quem para isso o aconselhe, a título de que *quando se tracta de salvar o Estado, não há privilegios nem garantias*, como dice no grande club Presidencial, certo Padre Mestre fusco, chimangão de pulso, que não gosta de *Habeas Corpus*, porque não perde mais esmolos para fazer batina, e já veste cazaca á custa da Nação, que tem sido por elle garroteada. Sim, é isto, que elles desejavão, para ser bem dado o golpe, e haver motivo para illudir-se o Povo a vista da perseguição, que nos preparavão esses canibaes, que hoje atterrão Pernambuco: fortes topeiras! alem de perversos, são superlativamente estupidos! Desenganai-vos, Chimangos, que os Deputados da Opposição conhecem o seu lugar, e sabem que as armas, que lhes competem, não são a espada e o fuzil, mas sim as suas palavras, e opinioens inviolaveis, no Recinto das

Leis: é ali que os grandes infractores da Constituição são accusados, para serem legalmente punidos. Tremei, que a Opposição, este anno, se converta em maioria, como é presumível! Tremei! Então receberá vosso Presidente o premio de *seus bons serviços*, e vós volvereis ao estado, que vos compete.

Tenho-me declarado: parece-me que já pode a facção convencer-se de que ainda sou o mesmo. Vejamos agora quem tem sido o *velhaco de fabrica coberta*.

Primeiro tudò respondão-me os Chimangos o que se devèra esperar de um homem, que no mesmo paiz, em que nasceu, e habita, se fez celebre por uma opinião, adquiriu partidistas para sustentalla, comprometeu-os a ponto de serem uns enforcados e fuzilados, e outros perseguidos e degradados, causando por este modo a desgraça e desolação não só de sua Provincia, como de outras, que arrastou ao seu partido, até que esgotados todos os recursos de levar a-vante o seu systema, desaparece, foge, e depois volta, e é recebido com enthusiasmo de alegria pelos mesmos que por elle se sacrificarão? Parece-me que esse homem, a não ter sido um aventureiro de má fé, e velhaco encoberto, deve, logo que chega á sua Patria unir-se aos mesmos que os sustentarão, e predispollos para levar a effeito o seu malogrado plano, uma vez que se lhe offereça oportunidade, acolhendo, agradando, e protegendo a todos, principalmente áquelles, que sempre lhe forão constantes e fieis; ou do contrario fazer-lhes ver de um modo não equivoco, e o mais expressivo possível, que elle, ou por cansado e aborrido dos trabalhos passados, ou por estar convencido de que a sua pretensão era uma utopia inexequivel, está disposto a não sustentar, nem seguir a tal opinião, ou mesmo oppor-se-lhe, caso ella appareça proclamada por outrem: eis o que dicta a probidade a qualquer homem sisudo, eis o que não fez o Sr. Manoel de Carvalho.

Voltãdo da Europa dep.^s do seu exterminio pela *confederação do Equador*, e achãdo seu irmão Francisco de Carvalho na Presidencia desta Provincia tirannizando os Liberaes, teve a habilidade de portar-se com estes de um modo ambiguo, fazendo-lhes crer, que por milindre não lhe convinha por-se a testa do seu antigo partido (que era o mais perseguido) para fazer guerra a seu irmão; que tãobem lhe não queria

dar conselhos, para que não entendesse, que elle Manoel de Carvalho (visto não ser consultado) pertendia dirigillo na sua Administração, que era toda dirigida por insinuações secretas do Rio de Janeiro, cuja politica era preventiva a seu respeito; e q' por isso havião nomeado ao dito seu irmão, para que elle quando chegasse de volta da Europa achasse este embaraço, que o inhibisse de ser acclamado pelo Povo, para obrar como dezejava, que era o que mais receiava a Còrte; e o que tanto assim era, q' lhe havião offerecido um lugar Diplomático em Londres, afim de desviallo para longe do Brazil; mas que elle o recusára, e preferira ficar em Pernambuco, sua Patria, para lhe fazer o bem, que dezejava &c., &c., e deste modo foi enchendo o tempo, com enganos, e illudindo os seus patricios com esperanças vans, ao mesmo passo que ia pouco a pouco ligando-se a pretexto de generosidade, com aquelles mesmos, que havião sido seus encarniçados inimigos em 24, e até traidores, dinunciantes, e juradores contra elle!!!

Entretãto q' assim procedia o Sr. M. de C., certa indiferença se observava de sua parte para com aquelles Liberaes mais exaltados; mas para que estes não desconfiassem logo de sua versatilidade, lá de vez em quando largava uma tirada de seu antigo republicanismo, como em certa occasião praticou na Sociedade Federal, quando se tratava da melhor forma de Federação, que convinha ao Brazil, disendo, que *a sua opinião era que a Federação fosse Republicana, que era a unica forma de Governo, que nos convinha, pois o mais era peta*, pelo que ainda houve um pequeno sussurro de *apoiados*, e de *ordens*. Com estas e outras quejandas foi esse fingido liberal fluctuando sobre as ondas politicas, sempre agarrado a taboada da sua naufragada *Confederação do Equador*, até que da grande Náo do Estado lhe lançassem algum cabo para elle subir ao convéz, como esperava, e conseguiu. Antes porem que esse cabo apparecesse (a nomeação de Senador pela Regencia) nao se fez eleição popular em Pernambuco, em q' elle não tivesse parte: foi Eleitor, Juiz de Paz, Conselheiro de Provincia, Conselheiro do Governo, Deputado; e para recompensallo completamente até os sinceros Liberaes da Parahiba do Norte o elegerão Senador do Imperio em primeiro lugar!

Elevado o Snr. Carvalho a Senador, (de que nem um agradecimento deu aos Parahibanos) nada mais restava aos Liberaes, do que pollo na cupula do poder em sua propria Provincia, persuadidos de que elle jamais submetterá sua Patria á facção dominante da Corte do Rio de Janeiro, que pertende escravisar o Brazil, como consta de uma serie não interrompida de factos abusivos, e despoticos, ali praticados, dès que Pedro I.º abdicou a coroa em seu Filho; e para lhe darem esta ultima importancia, nem uma duvida tiverão em pegar em armas, para contra a Lei o collocarem na Presidencia. Daqui principia-remos a conhecer melhor o *heróe de 24*.

Apenas sentou se o Senhor Carvalho na poltrona Presidencial, chamou para roda de si tudo quanto ha de perverso, abjecto, e chimango na Provincia, inclusive aquelles, que ja estavam estigmatizados com o indelevel ferrete da infamia, e que ainda estavam prevenidos contra elle pelo seu renome passado; a todos acolheu, perdoou, empregou!!!, Grande Homem! (exclamação esses malvados) Grande Homem! Não ha que receiar d'elle, está inteiramente mudado, ja não é aquelle Carvalho de 24! „ E com effeito assim era, e provado estava por certo Escriptor, que aqui mostrou—o que era ter character—fazendo ver que isto era uma quimera, e que tanto valia ser hoje de uma opinião, como ser amanhã de outra, e para exemplo trouxe a mudança de conducta do *heróe do Equador*, pelo q' foi logo por elle recôpensado com um novo Emprego. Alem disto ja me havião affirmado na Corte, que certo Lord de Pernambuco escrevêra a um dos Regentes, pouco mais ou menos nestes termos: *O Carvalho é nosso; tem tomado chá algumas vezes em minha casa, e tem me asseverado que hade dar cabo dos anarchistas; já não é o mesmo de 24, e assim não ha que receiar d'elle: mande me V. Exc. dizer quaes devem ser os candidatos para Regente; elle parece-me capaz de ser um d'elles, &c., &c.* Avista pois do expendido, e do seu actual comportamento contra os Liberaes, contra os mesmos, que o sustentarão na Revolução de 24, e o elevarão á Presidencia da Provincia, contra a Constituição, contra todas as leis de decencia e respeito ao Publico, haverá quem negue que é o Senhor Carvalho a pessoa, a quem por excellencia compete o titulo de *Velha-*

co de fabrica coberta? Felizmente descobriu-se antes das proximas eleições de 7 de Abril! . . . Sinão fora isso, lá ia a Regente do Impejo o meu supposto heróe para dar cabo do Brazil, assim como já tem dado de Pernambuco; mas a Providencia é por nós. Confieemos nella.

Parece-me ter mostrado quem tem sido o genuino *Velhaco de fabrica coberta*; agora passarei a fazer algumas observações em geral sobre sua odiosa Administração, assim como sobre sua força moral, e opinião de que goza em Pernambuco.

Ninguém ouzará negar que foi o partido Liberal (hoje denominado *anarchista*), quem deu consideração e nome a esse homem, que é hoje o seu carrasco: sinão fora esse partido jamais o seu nome entraria em lista alguma, nem para Eleitor, como acontece com o seu Sejano; jámais elle seria lembrado pelo Governo ao menos para Coronel de Legião, como foi, e muito menos para ser confirmado na Presidencia; porque sendo considerado um louco, e *anarchista*, e vendo o Governo que elle não tinha mais partido, nem uma consideração lhe teria. Mas sendo elle votado para tudo pelos Liberaes, forçoso foi logo agradável com alguma coisa tal, qual o Coronelato de Legião; e vendo mais que elle pegava na isca como tubarão, não admira que o tirasse para Senador, e o confirmasse na Presidencia, a que illegalmente ascendera: o que espanta é que esse homem, logo que teve occasião de governar seguro em Pernambuco, se portasse por um modo tão insolito, e offensivo á Liberdade.

Estou intimamente convencido que a maioria dos Liberaes de bom senso não queria, nem dezejava que o Snr. Carvalho fizesse ressuscitar a sua *Confederação do Equador* por intempestiva; mas queria, e esperava, que elle governasse constitucionalmente a sua Patria; que fizesse por ella quanto podesse para que não fosse prea dos chimangos do Rio de Janeiro; e que si por acaso conviesse á Provincia resistir ás arbitrariedades e traições de um Governo anti-nacional, para salvar-se, podesse contar com um Presidente de sua confiança, e já experimentado; mas enganou-se em suas esperanças: o homem, que tanto illudiu a seus patricios, acaba de dar-lhes a maior prova de sua traição á Liberdade, e faz crer, que si Pedro I.º o houvesse confirmado na Presidencia em 24,

não seria o Morgado do Cabo, mas sim elle, o Marquez do Recife. Agora cabe perguntar: por que fez elle guerra áquelle Morgado nomeado competentemente pelo Impeante? . . . porque???. Seria por ser de uma familia aristocratica? ou por ser contrario á Liberdade? Si foi pela primeira causal, não podia haver motivo mais frivolo; pois fidalgos conheço eu menos orgulhosos e insolentes, e mais accessiveis e liberaes, que os réles plebeos chimangos, que hoje cercão o Snr. Carvalho: e si foi pela segunda, permitta-me dizer-lhe que mais justificado motivo tem hoje os Illustres Patriotas Carneiros, para lhe fazer a guerra; e por consequente, si elles são por isso *anarchistas*, aprenderão com o mesmo Senhor, que hoje se conspira contra os Liberaes. O morgado, pelo menos durante seu governo não fez guerra á Liberdade, e apenas mostrou-se adheso ao Governo de Pedro I.º, que não obstante haver dissolvido a Constituinte, offercia uma Constituição; e o Snr. Manoel de Carvalho pelo contrario não só faz crua guerra á Liberdade, apunhalando mortalmente esta Constituição, como se mostra servo humilissimo de um Governo sem comparação peor, que o de Pedro I.º. Mas o morgado soffreu dura perseguição dos Liberaes, a quem não pôde illudir, e o Sr. Carvalho persegue duramente a estes, a quem sempre trouxe illudidos. Que differença!

Poder-se-ha objectar com diser-se que o morgado perdeu toda a opinião dos Liberaes, e que para prova disso não se pôde sustentar com muito mais forças á sua disposição, do que hoje tem o Sr. Carvalho; e que este pelo contrario, com muito menos recursos, continua a dirigir as redeas do governo a despeito da rusga de 21 de Janeiro e subsequentes, o que muito depoem a favor de sua opinião. Responderei a tudo pelo contrario. A força de primeira linha daquelle tempo tinha muito menos Soldo que hoje, e esperava melhorar com as mudanças de governo; alem disso a tropa não estava tão indifferente aos negocios politicos, como presentemente, que tem soffrido despresos, ingratições, e grande quebra no seu credito, e por consequente em seu enthusiasmo, mormente vendo outra chamada do Governo (a Municipal) com differente regulamento, e um soldo extraordinario: esta nova Tropa, creada positi-

vamente para sustentar o despotismo nas Provincias, entende, que não é paga pela Nação, mas sim pelo individuo, que defende; e por isso o defende com tanto interesse, como quem se interessa em defender um bemfeitor, que lhe dá subsistencia certa, sem lhe importar que elle seja um malfeitor para os mais, que d'elle se queixão. Ora, sendo isto assim, como todos sabem, claro está, que esta pouca força, que hoje sustenta ao Snr. Carvalho, val mais, que a duplicada, que então sustentava ao morgado. Quanto á opinião, não admira que este geralmente a perdesse, e que aquelle ainda a fenhia ao longe; porque naquelle tempo apparecerão nesta Provincia energicos e habeis Escriptores, como os Snrs. Barata, Frei Caneca, e Saldanha, que não deixavão passar camarão pela malha; e hoje que folhas ha? A Sentinella do Snr. Barata sabe Deos como apparece; a *Rasão e Verdade* não se mette em conta por ser muito irritante, e pouco methodica, alem de moderna, e interpolada; e o mais tudo é chimangada: descompor, insultar e calumniar os Liberaes; adular, mentir, e defender ao Snr. Carvalho; eis a que se reduz a sublime tarefa do *Velho Pernambucano*, e outros, a quem desafio para que me confundão com rasões, e destruaão o que deixo dito com argnmentos, e não com regateirices. Mas apesar de não haver apparecido nesta Provincia um Escriptor energico, que censure as arbitrariedades do Snr. Carvalho, como elle merece, que opinião ha a seu favor? Parece-me que exceptuando a sua facção, que apenas constará de uns 20 a 25 individuos obstinados, todo o Povo da Cidade e seus arrebaldes o tem abandonado de sorte, que pode-se dizer, que o seu governo hoje só consiste em defender a sua pessoa, e vingar-se de seus inimigos; não de todos, que é impossivel, mas dos fracos, para ver si açoitando os macacos, espanta os tigres. Para ultima prova do que digo, basta saber-se que constando a Legião das Guardas Nacionaes desta Capital de de dous mil homens pouco mais ou menos, e havendo-se tocado chamada de campo por sua ordem, varias vezes, quasi ninguem tem apparecido, a ponto de appresentarem-se somente em uma dessas occasiões 8 homens em toda a Legião; e mandando chamar os Batalhões dos Suburbios todos tem desobedecido. E haverá ainda quem diga que tal homem tem

opinião ?

Desengane-se o Sr. Carvalho que em Pernambuco não pode mais governar ; e grande imprudencia será, si quizer fazello por capricho. O que deve esperar de um Povo que tem visto fazer-se-lhe guerra por todas as maneiras ? Aqui viola-se o segredo das cartas ; invadem-se as propriedades ; penetra-se os asylos domesticos ; fás-se fogo a homens fugitivos, como a lobos ; poem-se a preço as vidas dos Cidadãos ; comprão-se cabeças e orelhas humanas ; prende-se sem ser *in flagranti*, por denunciaes illegaes, e sem precedencia de processo ; carregão-se de ferro os presos nos purões de embarcações d'guerra ; comprão-se presingangas para continuação dessas barbaridades, usa-se de listas nominaes na inquirição de testemunhas contra pesscas recommendadas pelo odio ; tomão-se depoimentos sem assistencia das partes accusadas ; dão-se, e executão-se ordens illegaes, despoticas, e sanguinarias ; nega-se liberdade a Cidadãos absovidos em Juizo ; recrutão se empregados publicos para mariuha ; demittem-se outros sem motivo justificado ; atterrão-se os Escriptores ; manda-se quebrar os Prelos ; insulta-se a quem se queixa ou representa contra alguma oppressão ; ataca-se aos homens de bem, que pedem providencias ; aconselha-se o assassinato e o desafio ; protege-se o crime ; persegue-se a virtude ; mettem-se prostitutas em Palacio ; acaba-se o respeito social ; suspendem-se as garantias constitucionaes ; transtorna-se o socego publico ; garrotea-se a Liberdade !!! Entretanto o Sr. Carvalho não se peja de fazer a seguinte Proclamação, á que julgo dever addicionar algumas notas, para esclarecimento do Publico.

PROCLAMAÇÃO.

Pernambucanos! Os inimigos do nosso repouzo (1) os perturbadores da Ordem Publica (2), buscãdo meios de encobrir a vergonha, com que se destroçarão (3) ao primeiro aceno das forças da legalidade (4) procurão ainda nas agonias da desesperação tentar a sorte das armas (5). Perse-

(1) Melhor seria que dicesse : *do nosso chimanguismo, do nosso mau character.*

(2) Alias reconhecidos por defensores da Patria perturbada pelo Sr. Carvalho.

(3) Buscando meios de levar avante seu heroico designio, de que ainda não se-desacorçoarão.

(4) Da legalidade não ; do despotismo.

(5) E qual será o patriota, que persiguído por um

guidos pela força do Governo, em vergonhosa fuga (6) abandonarão os arrebaldes desta Capital, Mas levando com sigo o genio do mal (7) poderão seduzir incautos, e despercebidos camponezes (8), a frente dos quaes contra patrioticos esforços de alguns defensores da Lei (9) conseguirão apposar-se da Villa de Goianna, onde se achão com designio de se encaminharem a esta Capital. O Governo levado pelo nobre empenho de manter a tranquillidade publica (10), um só momento não tem poupado para dispôr dos meios, de que sempre abunda a Cauza da Justiça (11). Huma forte expedicção composta dos bravos, tirados destas linhas, ja tão amestradas em impor silencio á anarchia (12), sob a direcção de hum official de confiança do Governo foi destinada ao encontro dos sediciosos, que ja tiverão occasião de experimentar novos azares, cedendo covardemente, e com perda (13), o campo, que piza a força da legalidade (14). Nossos valentes

despota sauginario e furioso, não tente contra elle a sorte das armas ? Segundo a persiguição, que o Sr. Carvalho faz aos Liberaes, o recurso, que lhes resta, é *vencer ou morrer.*

(6) Não é e nunca foi vergonhosa fuga uma prudente retirada : vergonhosa fuga fés o Sr. Carvalho em 24, deixando os seus patricios perdidos por falta de direcção ; mas entretanto vai ainda chupando elogios de heroe no *Velho Pernambucano*, quando so lhe compete a execração da Patria, pelo engano, em que tem trazido até hoje dos seus patricios.

(7) Alias o fogo do patriotismo.

(8) Os honrados Camponezes não forão seduzidos ; sympathizarão com a cauza da Liberdade, e a defenderão desinteressados, como ja praticarão contra Luis do Rego, e outros Despotas.

(9) Os que tem feito opposição, e esforços contra os Liberaes, não são defensores da Lei ; são chimangos interessdos no imperio do arbitrio : e alguns desses ainda são cousas peiores ; são ladrões, e assassinos como o famoso Antonio Bernardo ; que em Fevereiro passado acabou de completar 50 mortes, e a pezar de tantos crimes foi chamado a Goianna com seus sequazes pelo Tenente Coronel Braderodé, primo do Sr. Carvalho, para defender a legalidade de seu Governo, que tem sido abandonada pelos Proprietarios e homens de bem da Provincia.

(10) Melhor seria que dicesse : *pelo caprichoso empenho de manter o meu despotismo.*

(11) Provera a Ders que assim forá ! A sua cauza é a mais detestavel do mundo ; é a do crime, e do abuso do Poder contra o Povo ! . é a da traição contra a Liberdade !!! Semelhante cauza so abunda de meios violentos, como estamos vendo.

(12) A palavra *anarchia*, de que os chimangos, uzaõ traduzida em lingua vulgar quer dizer Liberdade : é a esta que o Heroe de 24 pertende impor silencio por meio de sua tão amestrada tropa !!!

[13] Ignora-se essa perda ; seria bom apparecesse o seu de talhe.

(14) Esta palavra, que anda na berraria chiman-

e briosos Soldados já derão começo a victoria (15), levando de roxo ao primeiro encontro nossos inimigos, certamente, indignos de tanto valor (16). Segunda expedição foi mandada para unida ás forças do Governo, que se achão occupando novamente a Villa de Goianna, de Goianna, lhes cortar as esperanças do ultimo refugio, que elles sempre costumão buscar na fuga (17). Todas as providencias, que cabem na esfera da Lei, e da prudencia, tem sido dadas, para que assim possa a severa espada da Justiça colher o hediondo collo do crime (18). Pernambucanos! Não vos atemorizem os estrepitos das armas (19). Tranquilisai-vos á sombra da confiança, com que fortificais o Governo (20), e contaí na solicitude, com que o vosso Presidente saberá permanecer fiel ao juramento de sustentar, á custa do que for, o Imperio da Lei, em cujo nome governa (21). Pernambucanos! A minha sorte está ligada a vossa por deveres duplicados, e igualmente pederosos (22). Como vosso Concidadão me he forçosa a obrigação de defender o paiz, onde tive o ser (23); como vosso Presidente a Lei me incumbe de sustentar vossa tranquillidade, e segurar vossa felicidade (24). Vede pois se quando se gal, tem significação inversa.

(15) Então bem vai o negocio! Mande cantar um = *Te Deum*.

(16) Viva a valentia chimangal!

(17) Não ha cousa mais natural! Ate o Snr. Carvalho ja tem buscado o seu ultimo refugio por este meio.

(18) Não ha duvida! Ate ja estão promptos e justos os assassinos, que devem matar o Snr. Seara! E quem duvidar que isto caiba na esfera da Lei, e da prudencia, tão bem deve morrer. Assim o quer, e determina o *Velho Pernambucano*, órgão do Snr. Carvalho, quando me dirige, em uma das suas paginas do n. 4 as seguintes palavras = Ajusta colera dos Pernambucanos (*dos Chimangos*) não tarda em fulminar tal scelerato (*este seu criado*), e tanto mais audaz se for elle tornando, tanto mais breve hade apparecer o raio (*o do arcabuz*) que lhe emponha silencio. (*o da morte: a meu Jezus!*) Querem mais claro? Assim é que é Governo energico, legal, e prudente! O mais é historia. Viva o heroe de 24!!!

(19) Ficão-lhe muito obrigados pelo animo, que lhes dá.

(20) Isto não é com os Liberaes; os Chimangos que lhe agradeço.

(21) Ha muito que se conta com essa firmeza do seu juramento á Lei dos chimangos, em cujo nome não ha duvida que governa.

(22) Tão bem não se duvida disto.

(23) Esta é que é a verdade, que mais condemna ao Sr. Carvalho: si elle conhece, e confessa tal verdade, ja mais devera ser contradictorio; porem desgraçadamente o é.

(24) Assim o-devera fazer, mas não o-faz.

trata da causa de Pernambuco eu posso ser indifferente (25)! Amados Concidadãos! Não, eu não me arredarei d'entre vós (26); eu não trocarei pelo gozo da vida pacifica, a que me dá direito a nomeação de Senador do Imperio, a ventura de carregar com o pezo desta administração, partilhando com vosco os males, que ameaçao a vossa tranquillidade (27). Eu estou resolute a não deixar o posto, em que me ha collocado a Lei sem que veja primeiro talhado em postas o terrivel môstro d'anarchia (28). Embora seja o manto da minha Presidencia manchado com tristes salpicos de sangue (ja que a Providencia assim o quer) (29) ao menos que quando eu tenha de entrogallo possa assim dizer. "Eu deixo", restabelecida a ordem (30); eu deixo livre o reinado da Lei (31), eu deixo ditosa a Provincia de Pernambuco no regaço da Paz; no seio da tranquillidade; na vereda da prosperidade (32). Desta sorte terei cumprido o mais ardente de todos os meus votos, terei satisfeito o mais sagrado de todos os meus deveres. (33) Palácio do Governo do Governo de Pernambuco 25 de Março de 1835.

Manoel de Carvalho Paes de Andrade.

(25) Praza aos Ceos, que na presente crise ao menos o-fosse! mas sendo obrigado a decidir-se, como Presidente, porque não se decide a favor dos Liberaes? Porque faz cauza commum com os Chimangos do Rio de Janeiro contra sua Patria? A resposta é obvia: é porque ja não é o mesmo homem de 24.

(26) Essa é a maior desgraça de Pernambuco! mas como em 24 elle fez a mesma promessa aos Liberaes, e não cumpriu, tal vez hoje faça a mesma graça aos chimangos, a pezar de estar com estes mais sinceramente ligado, do que nunca esteve com aquelles. Veremos.

(27) Sim; porque dos nove mil cruzados ganhos pacificamente no Senado la ficarão pelo menos dois terços: logo faz mais conta partilhar aqui com certa sucia os males, que ameaçao a sua tranquillidade, com tanto que carregue o doce pezo de 1200 cruzadinhos em boa especie, do que ir para o Rio de Janeiro gastar com casas, mobilia, seges, creados, &c &c.

(28) Isto é, sem primeiro serem assassinados todos os Liberaes de influencia.

(29) Não: a Providencia não quer que o Snr. Carvalho salpique de sangue o seu manto Presidencial; ti tal acontecer, sra' porque elle assim o tem determinado, segundo consta do seu *Velho Pernambucano* n. 4.

(30) Que é o mesmo que dizer: não existem mais Liberaes.

(31) Idem: não ha mais quem falle; pode se despotisar livremente.

(32) Idem: deixo Pernambuco na paz dos tumulos.

(33) Assim é que é chimango bom!

Quatro palavras a cerca do Brigue Euclydes e da Ponte da passagem da Magdalena.

Pergunta o *Velho Pernambucano* n.º 2—: Que conceito merece para adquirir algum partido capaz de obrar na sedição o Snr. Padre João Barboza, que com as agoas do Oceano talvez não possa lavar a nodoa, que em sua conducta publica lançou c Goianista, que no Diario de Pernambuco corajosamente accusou-o o anno passado de ser cúmplice no escandaloso roubo, que para eterno oprobrio desta Provincia fiserão no naufragado Brigue Clyde? — Pergunta mais—: Como se poderão suppor no Snr. Antonio Carneiro as virtudes, que caracterizar hum Republicano, se elle fabrica a cada momento as mais louças conspirações, entre tanto que não cuida de dar conta de mais de seis contos de reis q' recebeo, á mais de 2 annos, da Camara Municipal do Recife par fazer a Ponte da Magdalena, e ainda lhe não poz uma so' trave? = Responderei aos dois quizitos.

Mereço o mesmo conceito, que sempre mereci antes de apparecer o naufragio e roubo desse mencionado Brigue; pois além de me-achar 8 a 9 legoas longe dessa vergonhosa balburdia, que succedeu em fins de Maio ou principios de Junho do anno 33, em Agosto do mesmo anno (2 para 3 mezes depois desse acontecimento) foi que entrou em minha casa, na Villa de Goianna, uma porção de Fazenda do Snr. Major Francisco Antonio Pereira dos Santos, que daqui m'a-remetteu de publico, e de publico ali a-recebi por ser cousa de um meu Amigo, como era o dito Snr., que não tinha naquella Villa outra casa de sua maior confiança, que a minha: foi disto que os meus inimigos se-aproveitarão para me atacarem pela Imprensa com caluniosas arguições, que ja forão refutadas o anno passado pela mesma Imprensa, acompanhando a essa refutação duas *facturas* na mencionada fazenda assignadas pelos Negociantes Stuart e Lacesse, que venderão ao dito Major, e mais uma carta do Sr. Felix Francisco de Brito, amigo e socio do mesmo, em que declarava ter sido elle encarregado, com seu sogro, da conducção dessa fazenda, mencionado o dia mez, e anno, em que ella entrara em mi-

nha casa, quando sahira, don le viera, para onde fora, a quem pertencia, e que em ne' um interesse eutinha nella, nem como socio, nem como comprador. Ora si isto não é mais capaz, que todas as agoas do Oceano, e mais forte que todos os ácidos e potassas para lavar, e dissolver uma nodoa lançada por caluniadores anônimos, então covenhamos que uma vez caluniado qualquer homem de bem, por mais evidentes provas que apprezente em sua defeza, ja mais lavara' anodoa, que um malvado caluniador lhe-houver lança-do em sua conducta, esi isto a cont'ce com quem tem apprezentado exuberantes documentos e provas em contrario, o que deverá suppor-se de quem se-ha dito cousas execrandas, do que nunca se-justificou? Por ventura ja se-lavou de nodoa a familia de certo cursista das Alagoas (que me-disem ser o Redactor dessa folha' que me provoca) da qual tanta se fallou que em 24 manda'ra matar e roubar não só Portuguezes, como Brazileiros, a ponte de dezer-se que todo o terreno dos canaviaes do Engenho' de seu pai estava juncado de ossadas dessas victimas, e que uns cabras chamados Caconhos — aggregados a elle, erão os inexoraveis ezeutores dos seus assassinato- e latrocinios? Si assim he, esse Estudante dor ventura ja se-lavou da nodoa de haver sido creado por assassinos e ladrões, e alimentado oomo fera com o sangue humano? E que conceito merece para adquirir algum partido capaz de obrar a favor do Carvalho, quem assim continua a viver tão sujo, sem se-ensaboar? Ao menos eu tive a-meu favor, alem do que apprezentei, quem dicesse pelo Prelo = E' mentira, e' calúnia! Fuão não e' capaz de tal: a fazrnda foi condnzida por mim, e pertence a Fuão = Este Fuão e' o Snr. Major Francisco Antonio Pereira dos Santos: elle ahí está, perguntem-lhe! Ao menos apprezento isto; e o Redactor do Velho Pernambucano o que apresenta? Si essa fazenda que entrou em minha casa e' o signal da supposta cumplicidade, ao menos tenho quem me desonere dessa suspeita, tomando' asi a fazenda que lhe-pertencia o q' e' a maior das provas (pois não e' crível q' haja quem por amizade se arrogue a infamia, que peza sobre outrem) mas o Redactor do Velho Pernambucano quem achou que lhe fizesse outro tanto para desculpar a sua familia das verdadeiras ou falsas imputações? Tenho respondido pela parte que me-toca: agora responderei pelo meu amigo o Snr. Antonio Carneiro Muxado Rios, que se acha ausente.

As virtudes do Snr. Ant. Carneiro não se eclipsão com as calumnias do Velho Pernambucano: pelo contrario quanto mais opprimidas forem, mais brilharão: porem não sendo da minha intenção fazer apologias ao Sr. Carneiro mas só defendello do des-credito, que esse Periodico procura impor-lhe acerca da Ponte da passagem da Magdalena, direi o que se a esse respeito.

Sendo eu convidado officialmente pelo Snr. Carvalho para comparecer em uma Sessão extraordinária do Conselho do Governo, que teve lugar, em um dos dias de Novembro do anno p. p. para se-tratar da Representação, que a Camara Municipal dirigira ao Presidente em Conselho affirm de não se dar posse do Commando das Armas ao Snr. Seara, appareceu nessa Sessão um Requerimento do S. Manoel Cavalcanti de Albuquerque, arrematante da obra da ponte do Recife, para se-lhe-pagar o resto, que a Camara lhe devia da respectiva arrematação: pois que a obra ja se achava em meio, etc. e como o Requerimento estivesse bastante volumoso pelos Documentos que o-ecompanhavão, Informações, Respostas de Comissões, etc., etc. enfadou-se algum tanto o Snr. Carvalho, e dice, pouco mais ou menos, o seguinte = Tudo isto quanto os Snrs. veem e' para não se-cumprir as condições d'arrematação. tem parcido isso uma mania nos arrematantes de obras publicas, principalmente de pontes, q' não á um so q' tenha cumprido o tracto, a excepção, do Carneiro = Fiqui admi ado' com esta excepção, e-para melhor me-esclarecer, ponderei que não era isso o q' geralmente se-dizia, pois todos clamavão que o Sr. Carneiro havia arrematado a obra da Ponte da Magdalena, e recebido a metade do emporte d'arrematação, e ate hoje a'não tinha fiado ficando a dever o dinheiro recebido. Sobre isto esclareceu-me o Sr. Carvalho, dizendo = Não e' assim: o Carneiro arrematou com effeito a obra da Ponte da Magdalena, e recebeu o dinheiro, que se costuma adiantar; porem arrematando igualmente a Ponte dos Afogados, para aqual não se-lhe-adiantou dinheiro algum por haver ja recebido da outra Ponte, está claro, que concluindo esta, como de facto concluiu, nada deve a Nação, pelo contrario esta e' que lhe-deve pagar o resto da Ponte dos Afogados = Eis o que pouco mais ou menos publicou o Snr. Carvalho na referida Sessão, perante os Conselheiros do Governo, os quaes erão os Snrs. Doutor Francisco Iozze Correia, o Vigario Virgilio Rodrigues Campello, o Negoeiante Joaquim Francisco de Mello Cavalcanti o Padre Mestre Manoel Rodrigues do Monte, e este creado do Sr. Velho Pernambuco, que com isto julga o-haver refutado completamente, protestando não pegar mais em penna para responder aos seus insultos, e calumnias. A vista das nossas razões o Publico imparcial nos-fara' justiça.

A BUSSOLA DA LIBERDADE

EM PERNAMBUCO.

PELO SEU PRIMEIRO REDACTOR J. BARBOZA CORDEIRO

SEGUNDO NUMERO EXTRAORDINARIO.

Tremei, Tyrannos, que opprimis com dura
Escravidão os Povos,
Não se erga em vosso quente sangue tincta
Da Liberdade a Palma!
(Felinto Elisio)

ANNO DE 1835. TERÇA FEIRA 7 DE ABRIL.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO POR PINHEIRO E FARIA; 1835.

Que ! . Faz hoje 4 annos, que o Brazil expulsou o seu Tyranno, para segurar a Liberdade, e ainda está sem ella ! . E o Povo que mais blasonava de corajozo e livre neste vasto Imperio è o mesmo, que covardemente se submete á mais aviltante escravidão ! ! ! Que é isto, ô Pernambucanos ! ? Desejais a Liberdade, e ficais apáticos, quando vossos Irmãos pugão por ella no Campo da Honra ! Declamais contra uma Administração inepta, discrecionaria, e despotica, e não ousais ajudar vossos compatriotas e amigos na justa resistencia, quo fazem ao despotismo mais criminoso, e atrevido, que tem apparecido ! Tendes horror ao crime, e vedes a sangue frio um punhado de facinoras dispersos entre vos, assassinando em nome da Lei, sem que tenhais coragem de arrojá-los sobre elles para desafrotar a mesma Lei ! Detestais a traição, e consentis, que os traidores se-reprodução ! Amais a honra, e permittis em Pernambuco a mais crapulosa prostituição ! Jurastes defender a Constituição, e tolerais que uma horda de liberticidas a estejam mortalmente apunhalando ! Sois garantidos por ella, e viveis sem segurança ! Dizeis em fim que sois livres, e viveis como escravos ! Que contradições ! . que vergonha ! ! ! Ou acabou-se entre vós a união, e confiança reciproca, que constitue a força de um Povo Irmão ligado pelos mesmos laços religiosos e politicos ; ou ja não quereis ser livres. Se assim è . . . então callaivos ! servi como escravos ! Um Povo, que conhece o despotismo que o opprime ; que o-ve de braço alça-

do, promettendo não deixallo, em quanto não saciar suas paixões particulares, e não lhe-resiste, como deve, não é Povo, não é nada ; è uma triste feitoria de despreziveis escravos. Avista de tantos factos abusivos que diariamente vedes, a vossa paciencia degenera em covardia, e as vossas censuras se-tornão frivolas : um Povo Livre não não ralha ; obra.

Sim, eu vejo que o vosso Presidente manda prender Cidadões innocentes, so pelo crime de se queixarem de seu mau governo, sem que se-lhes-forme culpa antes, nem depois da prisão, em q' são violentamente retidos abordo de tetricas presigangas : eu vejo q' elle manda por incommunicaveis esses presos, havendo ja estado alguns carregados de ferros, como consta do Diario de sua ediosa Administração : eu vejo que elle manda Portarias ao Correia para serem abertas as cartas (a) : eu vejo um Juiz de Direito divagar furioso pelas ruas desta Cidade, e seus arrebaldes, escoltado de Guardas Municipaes, mandando por elles atirar, como a lobos, em homens, que fogem timidos avista de tão ameaçador aspecto : eu vejo que alguns ja tem sido mortos, e outros gravemente feridos, ao aceno, e voz, dessa auctoridade sanguinaria, que adesperto das Leis é conservada, em quanto que outras

(a) O art. 27 Tit. 8^o da Constituição é bem expresso = O segredo das Cartas é inviolavel. A Administração do Correio fica rigorosamente responsavel por qualquer infracção deste Art. = Mas *quid inde* ? Para o Snr. Carvalho não ha Lei, que lhe-sirva de freio

COMMUNICADO

são suspensas, sem motivo justificado, quiza por se não quererem prestar a semelhantes attentados : eu vejo que não existe Promotor Publico, que accuse essas Auctoridades discrecionarias, que provocão o Povo a uma revolução ; ou si existe, está coacto, ou é da mesma facção : eu vejo que os Periodicos desse partido, que attērrã o Povo em nome da Lei, ameação de morte a Cidadões prestantes, a Deputados d'Assembléa Geral, que ousão reprovar tão iniquos procedimentos, proclamados como legalidade : eu vejo que não ha segurança publica, nem garantias para os Cidadão Livres : eu vejo que a intolerancia desse partido tem subido a ponto de um irmão não se envergonhar de prender publicamente a outro, e levá-lo de rojo á presiganga : eu vejo a maior indignidade da parte Camara Municipal incluindo no numero dos votados para Representantes da Provincia homens, que não o-havião sido, para serem excluidos outros : eu vejo finalmente que todos esses refractarios e criminozos ficão impunes !!! E o mal vai continuando progressivamente.

Si todas essas prevaricações pois vos são ja indifferentes, assim como os insultos, que soffreis ; ou sinão tendes mais animo de reluctar com vossos algozes, com os algozes da Patria, permitti que que vos-repita, cal-lai-vos não exarcebeis a colera dos vossos Senhores com murmurações vans ! E' a um Povo, que tem chegado a tal estado de covardia, que *Casti applica* os seguintes versos :

Ab ! Si de brio estímulos não sentes
No Coração, e livre ser não sabes ;
Manada vil, sabe servir ao mienos,
E soffre, e calla, e nunca mais te queixes !

Mas como Pernambucano, e côheedor da indole e character dos meus Patricios, eu ainda não desconfio da sua honra e brio nacional. Talvez que se-lhes-não fuisse tanta justiça, si elles antes da installação da sua Assembléa, rompessem unanimes contra esse Prezidente, de quem esperavão uma airosa despedida no Discurso que dirigiu a Representação Provincial ; mas elle o-não fez, e nem muda de conducta porque ja naopode. Logo è de hoje que a Expectação dos Brazileiros se-deve fixar sobre Pernambuco. Entre tanto concluirei reptindo ao Sr. Carvalho esta sentença de Socrates : *Amáis funesta de todas as imposturas è pertender governar os homens, sem ter para isso o necessario talento.*

O Despotismo he odioso, vá contra quem for: quem he liberal por principios, quem o não he por interesse, hade sempre conhecer este axioma de eterna verdade ; pois e preciso ser um malvado, ou alias uma topeira para não ver as más consequencias da infracção de uma Lei, ainda que a victima seja o ente da nossa maior execração.

Quaudo se tomarão nesta Provincia medidas de sangue contra os Cabanos, nós apesar de não o sermos, e estarmos no triumpho de nosso partido, sempre trememos pela nossa segurança, e pela nossa existencia ; quando se prenderão despoticamente alguns proprietarios, pessoas que só tinham crimes, por serem ricas, cujas riquezas sim, e não os individuos, erão presas ou em flagrante delicto, ou com culpa formada, e erão remetidas para Fernando, sem ao menos se lhes dar a nota de seu crime, nós apesar de não sermos ricos, pediamos a Deos, que alguém não se lembrasse de o supor, embora não fossemos cabanos ; quando se punhão em hasta publica as cabeças d'essas miseraveis victimas do furor, evingança d'um vencedor selvagem, a nossa cabeça tremia sobre o collo, e quasi sem forças parecia enlanguecer-se apesar de estarmos igualmente victoriosos : quando por Portaria mandou-se ao Administrador do Correio, que entregasse certa carta á certo homem para ser aberta em Juizo, e com effeito o foi com as formalidades do estillo por certo Juiz ; quando finalmente se achou uma carta de um menino Portuguez, e que foi mandada abrir, e logo seo dono fez a justa opposição, requerendo a suspensão dessa ordem illegal, e o Conselho Presidencial decidio que a carta fosse entregue feixada a seo dono, e o Presidente da Provincia em lugar de executar a decisão do Conselho obrigou o dono da carta a abrilla em sua presença paticular, e de Joze Tavares Gomes da Fonteca (que então não era mais Promotor) ; e embastacou-se segundo o seu louvavel costume, não encontrando na dita carta couza, que suspeitosa fosse, no s com effeito nenhum papel de importancia depositámos mais no Correio, e se acaso nos queixavamos a algum Patrioço nosso do deploravel estado do nosso País, e este nos dizia = tranquilize-se, que o que se são medidas energicas, e indispensaveis, q' manda o *satus populi* se tomem contra os

cabanos ; tranquilize-se, que a nos libera- es nada succede = : Com tudo por mais que se exorçassem os defensores do arbitrio em justificallo com a necessidade, e tranquilizar os que aparentemente d'elle estavam izentos, ja' mais de no's poderão alcançar esse triumpho ; porque em verdade no's não estamos em circumstancias de sermos enganado por esses desgraçados entes.

Em quanto que estas couzas se fizerão, o Governo central incumbido de esmerilhar os actos do Governø Provincial, de louvallos, ou corrigillos ; em lugar de censurar vehementemente, e recomendar a emmenda de taes abusos para evitar o progresso do feroz despotismo, que se hia desenvolvendo, parece, que de proposito, por tomar vingança do Povo, on por entregar o Prezidente á seus furores, louvava, e se regosijava da pratica de taes crimes, e recomendava, que elles fossem reiteirados : o Prezidente porem que nasceu, e vive cego, ufano de tão repetidos elogios ao seu zelo, patriotismo, prudencia, e sapiencia, persuade-se que tem feito maravilhas ; e do resentimento do Povo elle se evade, dizendo, que os inimigos são proprios dos Governantes ; que são os descontentes, os ambiciosos, que querem dar saque etc. ; e tanto pode a preocupação d'um delirante, ou de um selvagem !

Esse homem talhado pela mão da Providencia para ser testa de ferro desde 24 tem desempenhado a sua commissão magnificamente, outrora governando esta Provincia em tempos de desordem, governando-a sem lei, e sem responsabilidade, como corifeo do partido dominante : os actos ainda os mais simples, suposto não filios do seu bestunto são applaudidos pelo partido, que o tinha aclamado Grão Senhor, os proprios erros seus são considerados como relevantes virtudes.

Elevado pois d'estarte o hmem de 24 pela força da necessidade e circumstancias do tempo chegou depois ao cimo do heroismo, se não pelo triumpho, ao menos por uma *honrosa* fuga (b), e glorioza sentença de morte ; a sentença de força porem foi que sellou as *virtudes* politicas do Snr. Carvalho ; se elle não fora enforcado, de certo que hoje seria ninguem (sempre o he na opinião de muita gente boa) Mu-

darão as epochas, continuou ainda o prestigio concebido em favor do Sr. Carvalho ; aquellas Provincias, que o não conhecem, se não pelo nome consagrarão-lhe até bem pouco tempo alguma veneração, persuadidas de que a gloria, que Pernambuco obteve em 24 partia d'esse empostor ; ellas porem mudarão de pensar logo que torão enformadas da verdade, quando souberão, que elle não foi mas que um testa de ferro, a causa material daquelle acontecimento, e q' os seus factos o provão exuberãtemête.

Persuadio-seo Snr. Carvalho testa de ferro, instrum. da vingança do Governo Geral, que governar Peruambuco hoje era o mesmo e tão facil, como governallo em 1824 ; tempo em que os poderes politicos estavam todos reunidos em sua auctoridade ; qual quer acto do Snr. Carvalho naquelle tempo era um acto legal, porque ne'um acto elle podia praticar, que não pertencesse á um dos 4 poderes, e todos elles estavam-lhe accumulados : alem disso a cegueira do Povo era extrema, a influenciencia contra o Imperador extraordinaria, as pertubações erão constantes ; nada pois dava lugar á que se censurasse as incúrialidades do Sr. Carvalho, tudo era bom, tudo era louvavel ; mas a epocha presente ja não he a mesma : o Povo hoje he diferente, a estupidez vai-se consumindo ; e se algum estúpido influente de 24 ainda resta hoje, he o Snr. Carvalho, pelo que elle deve encontrar ja' muito mais tropeços no seo modo de governar ; porque se elle me concede, que é o unico estúpido, que resta, e que o Povo já está mais adiantado, hade confessar tambem, que o seo governo he insoffrivel ; pois he contra a ordem natural o tolo governar ao duto : as Leis de hoje não são as mesmas de 24 ; o Sr. Carvalho tinha muito que estudar, se quizesse governar Pernambuco como elle merece ; mas o Snr. Caryalho declarou guerra á letra redonda, alimentando intrigas, e recebendo com pulhas, e desparates á quantos pretendem communicar-lhe negocios serios. Finalmente á tanto chegou o sofrimento da opinião Publca, que por si mesma estalou no dia 21, e a não serem os mercenarios do Governo, os Guarda-costas do Prezidente, os Municipaes, elle sem duvida teria dado o ultimo arquejo no dia 21. Então apparece o Snr. Carvalho tão feroz como um selvagem, e qual furia do Cousith exhalando pela boca, e ventas venenozos vapores ; elle parecia querer

(b) Não somos dessa opinião : *vergo-nhoza* fuga diremos sempre.

vingar-se da mais inerme creança ; destacou pelas ruas todos os seus escravos, e so' faltando o latrocínio, quasi todos os mais crimes se praticarão por ordem do Governo: um tal Tenente Mavignier solto pelas ruas como cão de filla prendia á todos, elle so, sem dizer mais, do q'. á ordem do Presidente = *O ancião veneravel* (Felipe) viuvo da heroína de virtudes não vulgares = com a facha alçada sobre a arepimpada barriga tão bem estava prendendo á ordem do Prsidente, e assim centenaes d'outros miseraveis, que vivem de vilesas taes, e que se as não fizerem, não podem viver. O apovanado Presidente contra todas as regras do Direito Patrio prendendo, e soltando por Portarias, e recados (contra as regras do Direito digo, não só por ser elle Auctoridade incompetente para prender, ou soltar alguem, como porque prendia ou mandava prender fora dos casos marcados nas leis) blaterava contra os rusguentos de uma maneira encomprehensivel. Finalmente chegou a tanto o rancor, e brutal vingança, que havendo sido prezo pelo Felipe (o tal que se braçou com a bandeira em 17) o Sr. Miguel Primo Villar do O' Barboza, irmão do Sr. Doutor Dacia, á sua ordem, procedeo o Juix de Paz contra o mesmo a Sumario, e por falta de prova julgando improcedente, gritou o Snr. Carvalho = engana-se, elle pensa, que hade ficar, engana-se! áde ir para fora, para não seduzir gente ! = e mandou ao dito Sr. para o Rio de Janeiro sendo este Escrivão da Paz de Fora de Portas, e Professor de Primeiras Letras da Cadeira Publica do Altinho (á tanto chega o feroz despotismo do Snr. Presidente ! Tão miseravel é que nem sabe vingar-se como homem de bem!

Vejão pois as Provincias extranhas, a q'. ponto tem chegado a perversidade em Per-

nambuco, a immoralidade plantada pelo proprio Presidente escandalosamente amancebado, e até introduzindo em Palacio sua manceba ; eis pois o estado, a que nos tem levado um Governo miseravel, como o que actualmente nos rege na corte ; que por caprixo, ou por engano nos manda homens taes para commandarem nossas acções ; e parece, que se quer mesmo, que a Provincia se dilacere ; não se mandando mudar semelhante bruto ; mas as armas hum dia decidirão a contenda. =

ANEDOCTA

COntando-se em uma Sociedade, que certo Pai da Patria, soprador de massarico, e aspirante de emprego publico, irritado com o que se-fallava do Presidente, dicera = Por isso mesmo Manoel de Carvalho não vai mais para o Rio, e eu não heide ficar em caza, como da primeira vez = respondeu um dos socios = Nem Deos permitta que esse Pernambucano, que tanto tem desgostado os seus patricios, lhes-dè mais esse desgosto, retirando-se antes de tempo ; pois já agora deve demorar-se para que o Brazil saiba que conceito deve fazer de Pernambuco ; porque o d'elle já está feito em toda a parte.

Outra

Aconselhando um Pai da Patria manhoso a certo chimangão descarado, que era precizo politicar com o partido liberal, que tanto o-havia elevado, respondeu-lhe o chimangão = Ora historia ! Não precizo mais desses bobòs.

Pern. na Typ. de Pinheiro e Faria.

PELO SEU PRIMEIRO REDACTOR J. BARBOZA CORDEIRO

TERCEIRO NUMERO EXTRAORDINARIO.

Tremei, Tyrannos, que opprimis com dura
Escravidão os Povos,
Não se erga em vosso quente sangue tincta
Da Liberdade a Palma!
(Felinto Elisi o.)

ANNO DE 1835. TERÇA FEIRA 14 DE ABRIL.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO POR PINHEIRO E FARIA; 1835.

Protestei, no fim do meu primeiro numero Extraordinario, não responder a esse irritante, mentirozo, e nojento papel, denominado *O Velho Pernambucano*, em que escreve o Sr. João Lins Vieira Cansação do Sinimbú (que nome!!!); e sustento meu protesto, deixando-o sem resposta, não só pelo desprezo, que delle faço, como porque ainda querendo responder-lhe, não vejo a quem me-dirija, nem razões a combater : pois a unica passagem, que nessa folha se-appresenta como contradicção aos meus principios, (a) é a mesma que me-faz honra, e confirma a pu-

(a) O Redactor do *Velho Pernambucano*, ou o *Chimango*, que nelle escreve (que vem a ser a mesma coisa segundo indica a fraseologia da Correspondencia) entende, que destacando um pedacinho dos meus antigos Escriptos podia com elle provar hoje contradicção em minha doutrina reprovadora do derramamento de sangue dos Liberaes ; e por isso appresenta destacado o dito pedacinho muito ufano ; mas elle vai agora incorporado ao art. , que publiquei na *Bussola* de 31 de Julho do anno de 31 para que os meus Leitores conheçam si tenho cahido em contradicção. O pedacinho vai escripto em *italico* ja quasi no fim do art. , que se segue.

Os Pernambucanos actualmente consternados com as quadrilhas de ladrões, q' infestão as estradas dos suburbios desta Capital, esperão que o Governo da Provincia, pondo de parte o bom senso, que o faz escarvo da letra da Constituição, haja de dar providencias energicas contra os salteadores, que ameaçao o soccego publico, por uma maneira inda não vista. Dizem nos que existem 5 quadrilhas ao Sul desta Cidade, e que a menor dellas he de 18 homens. Ora isto ja não he tão pequena couza, que tratemos com desprezo ,.

Faz-se entretanto, notavel, que estes ladrões só se-inclinem á quellas paragens que desde 24 lbes foram propicias, e que chegando-lhes a noticia do triunfo da nossa Liberdade, elles fisessem ponto nas su-

reza de minhas intenções. Não é pois ao *Velho Pernambucano*, que vou responder, é ao Sr. *Cansação*, que negando ser elle o seu Redactor, de novo me-ataca como uma prostituta furiosa : conheço que só as correrias, como para escutar, que medidas se-to-mavão ; e como vissem que os *Columns* ficavão do mesmo modo ; isto é, impumes, e empregados, continuarão tão bem elles no rendoso exercicio dos seus empregos ,.

„ Não ha quem ignore o que se-dizia publicamente respeito aos ladrões de conviencia com o Gustavo e Martins : com effeito isto era cousa dura de se-crer, não obstante a facilidade espantosa com que alguns, ou quasi todos erão soltos apenas cabião de baixo daquella vare gustávica, donde qualquer réo não sahia sem primeiro ser esfolado, e bem esfolado, ainda que innocente fosse, quando pelo contrario o ladrão mais pobre ali não se-domorava. Em verdade isto era um escandolo, e deixava entrever pelo menos sinistras intenções de apoio a essa a essa malvada gente para desgostar e esmorecer o Povo a respeito da Constituição ; mas o que devemos suppor hoje avista da pausa, que os ladrões fiserão com a chegada das noticias do Rio de Janeiro sobre o Dia 7 de Arbil, e retirada do Gustavo ? O que devemos suppor com esta repetição de quadrilhas ? Que um systema se trancou, e que vai se-ponde em pratica o plano de constrangimento contra o Povo, para o-fazer desesperar, e perder a confiança, que deve ter nas instituições liberaes que nos-regem. *Por tanto o Exm. Presidente, e os Illm. Ouvidor do crime, e Commandante da Policia, não devem mais ter contemplações com esses salteadores. Mandem que as tropas lhes-façao fogo, e os-persigão decididamente ate acabar com o ultimo ; não será por esse acto de energia, e ate mesmo de despotismo, si assim lhe-quizerem chamar, que o Governo desacreditar-se há.* Esses ladrões trazem agoa no bico ; elles nos-estão fazendo guerra á cara descoberta ; é preciso que o Governo lhes-faca a mesma guerra como a inimigos do Estado ; do contrario muito desconfiará o Povo das garantias, que lhe são offerecidas, e o resultado será funestissimo ,.

Eis aqui o que eu escrevi em 1831 acerca dos ladrões, que em quadrilhas infestavão os arrebaldes de

por essa degradação de sentimentos, em que vejo esse leviano moço, devèra deixallo victorioso em seus convicios; mas como faltou a verdade despejadamente nas injurias, que me-dirigiu na mesma folha, numero 7, julgo do meu dever desmentillo, para que esse impostorzinho não vá ganhando terreno a custa da honra alheia.

Não foi leve suspeita a que tive de haver sido elle o Redactor desse infame papel; pois quando tal *Catulinaria* appareceu pela primeira vez, no anno de 1833, esse estudantinho escreveu ao seu primo, o Snr. Antonio de Sá Cavalcanti Lins, em Goianna, declarando ser elle o digno Redactor dessa folha; mas concedo de barato que hoje o não seja; onde está nisso a injurta que suppoem fazer-se-lhe? não é elle concorde com os insultos desse *Verdadeiro Libello famozo*? não confirmou o que contra mim nelle se diz? saltemos porem isso, e outras asneiras quejandas, para responder a cousas mais essenciaes.

Diz o Snr. Cansação, que eu procurei lavar o meu descredito, *com o descredito de sua familia*. Não ha tal! Respondi logicamente á pergunta, que fez o Redactor do *Velho Pernambucano* sobre o conceito que se-devèra fazer de mim: nessa resposta não fiz mais que repetir a mesma queja havia dado aos meus calumniadores, concluindo com os seguintes argumentos de paridade = Ora si isto (*dizia eu*) não é mais capaz, que todas as agoas do Oceano, e mais forte que todos acidos e potassas para lavar, e dissolver uma nodoa lançada por calumniadores anónimos, então convenhamos, que uma vez calumniado qualquer homem de bem (*v. gr. : o Pai do Snr. Cansação*) por mais evidentes provas que appresente em sua defesa, jamais lavará a nodoa, que um malvado calumniador houver lançado em sua conducta: e se isto acontece com quem tem appresentado (*como eu*) exuberantes documentos e provas em contrario, o que deverá suppor-se de quem se ha dito cousas execradas, de que nunca se justificou

Cidade, o interior da Provincia. E poder-se-ha dizer que sou hoje contradictorio, por que não approvo que se faça a mesma guerra aos Liberaes, que resistem a um Governo arbitrario? Contradictorios são os que presentemente me-comb-tem.

(b)? Por ventura ja se-lavou da nodoa a familia de certo cursista das Alogoas (que me-dizem ser o Redactor dessa folha, que me-provoca) da qual tanto se-fallou, que em 24 mandara matar e roubar ngo so Portuguezes, como Brasileiros, a ponto de dizer se, que todo o terreno dos canaviaes do Engenho de seu Pai estava juncado de ossadas desses victimas, e que uns cabras chamados = caconhos = agregados a elle, erão os inexoraveis executores dos seus assassinatos e latrocinios? Si assim é (*bem vê que vou fallando debarxo de hypothese*) esse Estudante por ventura ja se-lavou da nodoa de haver sido creado por assassinos e ladrões, e alimentado como fera com o sangue humano? E que conceito merece para adquerir algum partido capaz de obrar a favor do Snr. Carvalho, quem assim continua a viver tão sujo, sem se-ensaboar? = Eis o que avancei, e avançarei sempre para responder ao Snr. Cansação, ou á quem me fizer perguntas semelhantes á quellas, que apparecerão no *Velho Pernambucano* numero 2^o; isto não é lavar meu descredito com o descredito de sua familia; é responder em forma, e segundo me prescreve o dever, prescindindo mesmo de qualquer resentimento.

Quem faz perguntas, exige resposta: e que resposta queria o Snr. Cansação que eu desse á quella provocação atrevida, que li nessa folha, que me-parece sua? Si me callasse, consentia; Si respondesse, offendia: eis a triste collisão, em que um *chintango* me-collocou, quando sem razão me-accometteu. Pois offendão-se muito embora esses injustos aggressores encobertos, ou descobertos: todos temos igual direito a defender nossa reputação; só um entafado *rapazolla* a costumado a ver seu pai impor silencio a miseraveis rendeiros entendera que elle e sua familia tem direitos exclusivos para defender o que se-chamava *honra pessoal e os mais não*; e por isso não adaira que o Sr. Cansação appresente

(b) Advirta o Snr. Cansação que elle mesmo confessou em sua correspondencia que a Representação feita contra seu Pai foi mandada justificar, e que os representantes forão os que não quizerão justificar o que contra elle havião ja representado: Ora isto bem podia ser proveniente de medo, ou da propria convicção da calunnia, que havião contra elle engendrado; mas isto não se-pode classificar como justificação da parte offendida, de quem todavia se-pode presumir bem.

essa filauia hespanhola todas as vezes que escreve em cauza propria, sem se esquecer da linha que separa o *homem de sentimentos nobres do villanaz*; isto basta para orêcomendar por tolo. Todo o Pernambuco sabe que eu estava silencioso, e que fui o provocado: todos conhecerão que eu devia responder. Respodi pois como pude. E nem se persuada o Sr. Cansação, que deitou por terra as minhas razões com a sua diatribe meretricia: todos conhecem que me descompoz completamente; qualquer moleque o não desempenharia melhor; mas que emporta, sinão me refutou! As mentiras, e falsidades, de que lançou mão para me tornar odioso ne'uma força deirão aos seus baldões, pois muita gente boa sabe, que não foi seu pai, quem me tirou da prisão: assim como um cego não conduz a outro, tão bem um preso não tira outro preso da prisão, em que ambos jazem, maxime sendo esse supposto tirador um velho. Quem nos tirou da prisão, Sr. Cansação, foi o Sr. *Antonio Carneiro Maxado Rios*; si não fora elle, nem eu, nem seu pai teriamos escapado das garras do Antero. Sim, foi o Sr. Carneiro, foi esse joven corajozo e filantropo, que vellou toda nma noite invernosa entorno de nossa prisão, ate que sahimos, e entre mil perigos nos conduziu ao seu sitio no Mangueirão, donde seguimos ja sem perigo para o certão. Confesse isto! confesse quem foi o salvador de seu velho pai, que não podia deixar de lhe contar essa historia, que tantas vezes repetia! confesse quem foi que tirou da prisão a mim, e a elle! si é homem de *sentimentos nobres*, si tem vergonha, si tem honra, si tem gratidão, confesse quem foi o nosso primeiro benefactor, que nos salvou a vida, e a liberdade! não se subtraia a esse dever sagrado, não faça guerra a quem salvou a existencia do auctor, da sua existencia! não minta finalmente em dizer que foi elle quem me tirou da prisão!

Quanto a dizer-me o Sr. Cansação q' seu pai me anduziu consigo, e que me deu a protecção dos seus amigos e parentes no Certão, é preciso que explicar isto melhor: quem diz que conduz a outrem, dá a entender, que lhe presta conducção na mesma viagem, e isto é o que não houve; pois fui a minha custa, e só me servi da sua companhia, e do conhecimento, que me deu os seus amigos, e parentes do certão

do Buique, e Panemá, a quem eternamente serei grato, pelo bem que me tratarão; mas estou convencido, que a protecção, que nelles encontrei indo de companhia com seu pai, igualmente encontraria, indo so, pelo caracter hospitaleiro e generoso, que os fias accessiveis aqualquer forasteiro, como tive occasião de observar, maxime ás pessoas liberaes com promettidas pelos negocios da Patria. E tanto não era preciso que o Pai do Sr. Cansação influisse para isto, poisq' não sendo pa rente, nem conhecido nem tendo me conduzido consigo ao Certão do Urubá, onde fui ter, ali encontrei não só protecção amplissima, como a mais sincera e generosa amizade entre os Srs. Sequeiras do termo de Cimbres. Logo parece-me futil, e redicula a inculca, que o Sr. Cansação faz desse serviço, assim como de outras circunstancias, que julgo indignas de resposta.

Toda a colera, que o Sr. Cansação derramou sobre mim, procedeu sem duvida de haver eu magoado o seu amor proprio, fazendo ver que sua familia tão bem não tinha sido isenta de calumnias semelhantes ás que se me tem assacado, ou peiores. Tenha paciencia o Sr. Cansação: quando um *villanaz* se vê acabruinhado de imputações falsas, ninguem lhe pode tolher o direito de se justificar, e trazer por exemplo as desgraças identicas, que tem acontecido ás *personas de sentimentos nobres*, para dar maior força aos seus argumentos; isto nem é lavamos seu descredito com o descredito alheio; nem affirmar, que a calumnia, que se traz por exemplo, tem assomos de verdade. E o Sr. Cansação tanto conhece isto, que me diz em ar de valentão, que *su sou capaz de sentimentos de homem, diga que seu Pai é ladrão ou assassino, que elle me affirma, que não se contentará, como eu, com o testemunho de outrem, etc. etc.* o que bem mostra q' elle está convencido que eu não affirmei tal, e que para mostrar o seu *cavalheirismo* asselvajado, com q' tem sido educado, quer que eu me resolva a isso. Não Senhor! não farei tal; por isso mesmo, que tenho *sentimentos de homem* sei respeitar os meus semelhantes independente de taes ameaças, que equivalem o mesmo que dizer-me: *Olhe, que si affirmar tal cousa, áde ter a mesma sorte, q' tebe o joven Rocha Bastos da Bahia, que por muito menos perdeu a vida, etc.* E quem assim falla é o mesmo,

que me-occusa de assassino? Sim é o mes-
mo, que sendo collega (na mesma Aca-
demia) de um filho do falecido Domingos
Lourenço Vaz, assassinado em 24, hade
certamente saber o contrario do que diz a-
respeito desse assassinato, que me-quer im-
putar!!! Basta: tenho conhecido o Snr.
Cansação: elle diz no final da carta que
me-dirige no *Velho Pernambucano*, que =
me despreza, e me despreza em todo o ri-
gor desta expressão = Deos queira que as-
sim seja! eu acceito o seu despreso, como
uma fera saciada faz a desgarrada ovelha,
que lhe passa de largo: e por isso faço
votos ao Ceo, para que quando lhe chegue
nova fome de assassinar moral ou fizica-
mente a alguém, se dirija aos pastos do *Si-
nimbú*, e lá se farte naquelles, que represen-
tarão contra seu pai, asseverando factos,
que eu não affirmo.

Em retribuição pois a seu tão rigoroso
quão favoravel despreso, cumpre-me dizer
por despida ao Snr. Cansação, em q' o-res-
peito, e o respeito em toda a latitude do ter-
mo, não como entidade digna de receber
puras homenagens do coração humano,
nem como pessoa capaz de *sentimentos
de homem*; mas como um ente maligno,
que muito se-deve temer; como um tigre-
zinho, que vai assignalando os annos de
sua adolescencia com os negros traços da
mais hedionda ferocidade. Ai da Patria,
si algum dia lhe confiar alguma porção de
mando!

Para que nossos leitores conheçam que
não faltamos á verdade, quando affirmamos
em o 1.º n.º extraordinario de 31 do
mez p. p. que aqui usa-se de listas nomina-
es na inquirição de testemunhas contra
pessoas recomendas pelo odio, transcreve-
moso seguinte:

Diz Manoel Pedro que se lhe faz abem
que V. S. por seu despacho, mande que o
Escrivão deste Juizo lhe-passe por certi-
dão ao pé desta o theor da Lista dos
Cidadões, que consta ter á V. S. remitido
o Doutor Juiz de Direito Chefe de Policia,
afim de serem por este Juizo processados.
Por tanto. P. ao Sr. Juiz de Paz da Fre-
guezia do Poço lhe-defira. E. R. M. Pas-
se. Caza Forte 8 de Abril de 1835. Vel-
lozo.

Joze Sevrino Lopes, Escrivão do 7.º
Destricto do Termo de Olinda Freguezia
do Poço da Panella etc.

Certifico em cumprimento do despacho

supra, que he o theor da Lista de que trata
o requerimento supra da maneira seguinte
= Relação dos individuos, que segundo o
publico, e informações que tenho tido
trairão contra a actual forma de Governo
= Tenente Coronel Antonio Carneiro Ma-
chado Rios, Dito Francisco Carneiro Ma-
chado Rios, Capitães Joaquim Carneiro
Maxado Rios, João Carneiro Machado Ri-
os, Alferes Joaquim Joze Ferreira, Juiz
de Paz João Domingos da Silva, Tenente
João Valentino Villela, Manoel Alves Vil-
lela, Capitans Francisco Feliciano Rodri-
gues Sette, Tenente Coronel Manoel Anto-
nio de Almeida, Tenente Joze Maria de
Amorim, Venceslão Maxado Freire Perei-
ra da Silva, Francisco Duarte Coelho, Al-
teres João Baptista de Souza, Themoteo d'
Assis dos Santos, Marcelino Joze Lopes,
Juiz de Paz Rodolfo João Barata de Al-
meida, João Manoel Mendes da Cunha e
Azevedo, Dr. Manoel Mendes da Cunha e
Azevedo, Padre João Barboza Cordeiro,
Tenente Coronel Antonio Correa Seara,
Alferes Antonio Rodrigues d'Almeida, Ca-
pitão Zacarias Rodrigues de Souza, Dito
Mathias de Albuquerque e Mello, Antonio
Joaquim d'Almeida, Sargento Joaquim Jo-
ze de Santa Anna, Joze Fernandes Bra-
zil, Innocencio da Costa Goianna; Francis-
co da Paz Santos, Francisco Xavier Mar-
inho, Bento Bandeira de Mello, Francisco
Joaquim Pereira de Carvalho Junior, Ma-
jor João Paulo Ferreira, João Baptista da
Silva Manguinho, Antonio de Barros Fal-
eão, Manoel Francisco Duarte, Maximia-
no Francisco Duarte. Palacio do Gover-
no de Pernambuco 26 de Março de 1835,
Manoel de Carvalho Paes d'Andrade. Es-
tá conforme. O Escrivão de Semana Fran-
cisco Baptista de Almeida. He o que
consta da dita Relação pela qual passei a-
presente. Caza Forte 8 de Abril de 1835,
escrevi e assignei. Em fe de Verdade fo
Escrivão Joze Sevirino Lopes. D. 300
C. 150 Soma 450. Vellozo.

*Resposta, que deu o Juiz de Paz do 1.º
Destricto da Villa de Goanno, digno ipai
do actual Juiz de Direito desta Capital,
a um preso, que lhe-pediu a nota de sua
prisão.*

„ Ilm. Snr. A Const. do Imperio man-
da-me dar nota da prisão que fiser. Ouça V.
S. a sangue frio a nota da sua prisão, e praza
aos Ceos, que avista della se corrija para
não representar no theatro da Provincia,

de Pernambuco tão falsariamente, como tem representado „

„ Eu não me remonto á sua celebre indicação, que como Veriador fez na ultima Sessão, em que assistiu comigo, os disvarios de sua bola esquentada dirigida por meus zoilos, que sô querem a perdição de nossa adorada Patria. forão a bussola do seu desorientamento, desorientamento tal, que V. S. não foi capaz de per si só, faser essa indicação de uma linha, so sin a-fez, depois que lha-mandráo dar de fora, como toda Camara viu e presenciou, e não se admirou, porque V. S. não è capaz de dizer = dois com dois são quatro = dirijome sô a V. S. qual tem sido na epocha presente „ .

„ Os Carneiros da Capital tem querido depor o nosso *estimavel Presidente* o Snr. Manoel de Carvalho Paes de Andrade: V. S. è um partidista dos ditos Carneiros, comp todo o Publico desta Villa sabe. *Eis pois a nota dos seus crimes.* Prepare-se desde ja, que vai remetido á S. Ex.^{ma} para lhe dar o destino que merecer pelos seus feitos. Deos o Guarde. Villa de Goianna 30 de Março de 1835. Illm. Snr. João Nepomoceno de Souza Magalhães = Bernardo Joze Fernãde de Sá, Juiz de Paz do 1º Districto de Goianna „ .


Admirai, Leitores, a nota, que a cahais de ler! admirai o procemento deste Juiz de Paz! Elle é um Advogado na quella Villa! .


CORRESPONDENCIAS

ILLm. Snr. Barboza = Rogo-lhe que por quem he me-faça o favor de publicar em sua folha a inclusa Proclamação do Lima contra o Seu heroe de 24, para que elle se-mirc neste espelho, que por *fujão e covarde* talvez não tivesse tempo de olhar para elle, e por *sem vergonha* já se-esquece do que fez, para me arguir em suas infames Proclamações daquillo, que so elle he capaz de ser, e de fazer. Sou etc.

Francisco Carneiro Maxado Rios.

PROCLAMAÇÃO

PERNAMBUCANOS: não o duvideis:  o tresloucado chefe, e causador de vossos males, aquelle, por quem alguns de vos tinheis uma veneração quazi idolatra, aquelle, que se dizia (que horror) o anjo

tutelar das Provincias do Noite, covarde, e perfido vos desamparou no maior perigo; e ainda outro dia vomitando blasfemias, e desafiando o Universo, hoje timido jaz acolhido debaixo da Sagrada Bandeira de uã Nação (que alais muito insultou) tão nossa respeitada, como amiga 

Pernambucnos he agora, que podeis respirar contentes. Pedro 1º, o Grande Defensor Perpetuo do Brazil acabou de arrancar vos dos abyssmos da guerra Civil a mais dessoladora, e crua, ; e o Nome de Pedro 1º traz a idea associada de Pai, e sincero amigo dos Brasileiros.

Consternados filhos da mais formosa porção Brazilianna, dissipai terrores, que ainda talvez vos incutem os inimigos da boa ordem, da razão, e da justiça. Eu não venho encarregado de cumprir as sanguinarias ordens de um sultão: Eu venho enxugar lagrimas, venho xorar comvosco, venho abraçar vos; venho desmascarar os imbustes dos relbedes, e fazer-vos amar o doce Governo Constituicional do melhor dos Monarchas.

Pernambucanos, eu sou Brasileiro; sou vosso patricio, vosso irmão, e amigo. Embora vos procurassem aliciar os anarchicos fazendo-vos embair em desconfianças de união com o detestavel Portugal. Não Pernambuco; tão longe estamos dessa perfidia, que eu venho em Nome do nosso Augusto ajudar-vos a consolidar a Independencia, e Integridade deste Nascente Imperio, e com vosco não cessarei de gritar em qualquer ponto do Brazil, em que exista, = Guerra de morte a Portugal, e a todos os seus adherentes guerra de morte a quantos sonharem só em aporuguezar o Brazil.

Partilhem nossos trabalhos, e fortuna os Portuguezes, q. se tem decidido pela Santa Cauza da Nossa Independencia: estes estão na linha de nossos irmãos; tremão, e fujão do solo os mais Brasileiros.

Pernambucanos, cerrai os ouvidos ás sugestões dos pertubadores; recolheivos aos braços de vossas carinhosas familias: cultivai vossos campos, continuai as doces fadigas do Commercio: a bracemo-nos, e não cessemos de exclamar =

Viva a Santa Religião de nossos Pais,
Viva a Independencia, e integridade do imperio,

Viva Sua Magestade imperial Constituicional,

Vivão os Pernambucanos,
Vivão os Brasileiros.

Francisco de Lima e Silva,
Brigadeiro General.

Meu Caro — Veja esta Proclamação, em que o Lima profetizou em 24 o que havia de ser o nosso heroe em 35! Acho bom que V. a publique na Bossola, para que se saiba que o Lima foi o profecta *Abacú*, que nos veiu predizer o que faria o Carvalho quando fosse feliz. Esta' realizada a profecta: foi traidor, quando desgraçado; foi tyranno, quando feliz. A deus: seu amigo = Antonio Carneiro.

PROCLAMAÇÃO

Habitantes da Provincia de Pernambuco! O dia 17 de Setembro de 1824. raiou para vossa fortuna, e tranquillidade. A vossa Capital acaba de arrancar das garras dos Anarchistas rebeldes, que pertendião não menos que subverter a Ordem Publica, expondo vos aos horrores de huma guerra civil, paralizado vosso Commercio, Lavoura, e Arte e sujeitando-vos á vára de ferro de um aventureiro, que como todos acabaria por tyranno, quando feliz, e por traidor, quando desgraçado. Eu não personaliso, porque o exemplo agora mesmo se fez patente e vossos olhos. Exultai, Pernambucanos, pela feliz mudança de vossa sorte: he chegado o momento em que a Constitucionalidade do nosso Amado IMPERADOR brilhará a vossos olhos: porque já nas nuvens de cabala, e dos negros mandajos carvalinos não podem im pedir que ella toque os vossos sentidos. O malvado Corifeo da Rebelião, não só procurava iludir-vos, mas até (interceptando todos os Despachos, dirigidos pelo Ministro as outras Provincias' e que foram achados no Palacio do Recife) procurava derramar o fel da intriga para desacreditar o Governo de SUA Magestade IMPERIAL E CONSTITUCIONAL, a fim de prevalecerem seus imbustes. Oh' reflexões dos homens sensatos! Qual seria a meta da ambição deste novo Traquinio, se o DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL não corre-se a atalhar sua fereza? Nero, e Caligula serão pequenos retratos do novo monstro! Mas em fim O DEOS Vingador, O DEOS dos Exercitos protegeo a justiça, e teve clemencia do heroico povo

Pernambucano: dai-lhe pois as mais sinceras graças, e dirije-lhe as mais fervorosas supplicas, para que vos livre de novos seductoies. Cumpre todavia, que por vossa mesma segurãça não occulteis os principaes authores da Rebelião; deixai-os submetter ao Tribunal, que os deve julgar, porque so a elles deve ferir a espada da justiça; aos outros valerá a Clemencia do Imperador, que os pode perdoar. Entretanto fugi delles, les o anathema politico, no cazo imploravel de que elles ainda pertendão arrastar-vos ao abismo das desgraças, de que ide ser tirados. União em fim as dezanove Provincias do Brazil debaxo dos auspicios de Pedro I^o Sen Tutellar, e vamos a ser a maior, a mais rica a mais sabia, e poderosa Nação do Universo.

Viva a Religião Catholica Romana. Viva O IMPERADOR CONSTITUCIONAL, E PERPETUO DEFFENSOR DO BRAZIL. Viva a Constituição Brazilcira, Vivão os bons, e hourados Pernambucanos. e Viva finalmente o glorioso, dia 17 de Setembro.

Francisco de Lima e Silva
Brigadeiro General.

Pede se nos a publicação do seguinte Proclamação com ns natas que não nos pertence.

PROCLAMAÇÃO

Pernambucanos! A nossa Liberdade, honra, e vida. se achão em perigo!! (1) Degnerados Brasileiros (2) que ia em 21 de Janeiro derramarão o susto e a consternação no seio das innocentes familia, (3) pretendem novamente levantar o estandarte da revolta (4) e por empratica vossos damnados intentos de proclamarem ademenbração desta malfada Provincia contra a vontade da maneira de seus habitantes

(1) He uma verdade incontestavel Sr. Presidente, o estado oppressivo, em que V. Ex.^a tem a gente mais cisuda e grada desta infeliz Provincia, nimamente comprova essa asserção. Todos temem, e tremem o influxo dos malvados, que cereão a V. Ex.^a e que a seu grado dicão prisoens espancamente, e a morte!

(2) Quem serão esses degenerados Brasileiros? por ventura aquelles que V. Ex.^a outr'ora lhes elaqueou a boa fé, aquelles que muito há que o conhecem como embecil, ambicioso, escravo do dinheiro, e do poder actual posto que esmero, moribundo, ou os seus socios? . . . dicant Paduani? . . .

(3) O susto, e a consternação que occupa as familias honradas, he proveniente dese acharem V. Ex.^a e seu laçao Joze Joaquim Coelho no Governo Provincial, he isto evidente que todas anhelão verem-se livres de tão sanguinarios como infames pessoas, que serão a causa se abismar nos horres da Guerra Civil a Patria dos Viraes, Dias, e Viciras, que tão he a do Portuguez Joze Joaquim Coelho e menos a de V. Ex.^a que tem apostado . . . hem nos intende . . .

(4) Contra V. Ex.^a, Joze Joaquim Coelho, o façanhozo Tavares, e mais tres ou quatro malvados.

(5) Pernambucanos! E consentireis vos, que a Patria de tantos illustres Heroes seja submergida em pelagos de sangue!

(6) Consentireis, que se representem nesta Cidade as horriveis scenas do infeliz Pará!

(7) Não, não é possível! correi portanto as armas não vacileis um momento!

(8) Vamos cortar pela raiz o mal que nos ameaça

(9) A victoria é nossa

(10) Nos pugnamos por uma cauza justa, a cauza da Liberdade

(11) eos inimigos trabalham para a desordem, confusão, e anarquia!

(12) As armas, Pernambucanos, as armas (30)!

Palacio do Governo etc.

Manoel de Carvalha Paes de Andradre.

DEixou finalmente o Snr. Manoel de Carvalho a sua odiosa Presidencia, e parte para o Rio de Janeiro carregado das maldições dos Liberaes.

Vai-lhe substituir o lugar o Snr. Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo.

Segundo diz o Publico, este Snr. tem grande parte na pessima Administração do Sr. Carvalho, como seu Secretario; e sendo assim, é de suppor, que sustente os actos anteriores, e marche pela mesma senda do Presidente, que se retira, e por isso não auguro bem o

seu Governo. Deus queira, que eu me engane!

VARIEDADES

Que juizo se deve fazer de um sirgeiro pobre que fugio em 24 para os Estados Unidos d'America, e regressando em 27 ainda mais pobre do que foi, mette-se a Procurador de Causas para poder subsistir, e desgotoso dessa occupção por pouco rendoza a um mal creado como elle he arrenda cetro officio publico pela metade de seu ordenado (500\$ reis) e em menos de 4 annos se-apresenta como capitalista, comprando casas por 30\$ crusados, etc., etc., etc., ? ? ? (Extrahida da obra Grãde dos Dialogos entre o Queixo de Burro, e o Bode Foveiro Impressa na Freguezia da Trebisonda)

Dizia um incredulo = Eu não acredito em milagres: apregoa-se como grande maravilha, que Jesu-Christo lançasse mão de pescadores para pregar a Lei da Graça, e que estes inspirados pelo Espirito Santo se apresentassem eloquentes e sabios nas grandes Cidades daquelle tempo, pregando, persuadindo, e convertendo... peta! peta! Si isto é milagre, em q' cõta devemos ter o que vemos hoje em Pernambuco fazerem os sirgeiros? Desta classe de artistas tem sabido daqui grandes Juris Consultos, Politicos, Oradores... enfim homens, que o Governo tem escolhido para regerem os destinos das Provincias, e o timão do Estado. De duas uma: ou não ha tal milagre, ou então o retroz em Pernambuco tem virtude particlar sobre as facultades intellectuaes: e neste caso seriamais acertado que o Governo abolisse os Cursos Juridicos, e mais Academias do Brazil, para poupar uma despeza desnecessaria: e os pais de familias em vez de mandarem seus filhos estudar outras cousas, os mandem apreuder o officio de sirgeiros nesta Provincia, para se habilitarem aos grandes Empregos, de que facilmente se tornarão aptos, pela scientifica influencia do retroz.

(Extrahida da Collecção curiosa dos bons ditos Impressa na Ponte da Boavista)

Certo Presidente de Provincia consultando ao Prezidente da Rellação res-

(5) Já o Major Joaquim Joze Luiz constitue a maioria da Provincia! não se envergonha V. Ex.^{ca} de mudar de chofre dos snfimentos, que nutria, quando se dirigio á aquelle official consultando-o para tal desmembração? embora a sua resposta fosse em sentido contrario, V. Ex.^{ca} devia recolher se ao silencio, e não inculcar-se inimigo de tal desmembração, triste he a sua condição! desgraçado Prezidente!!!

(6) V. Ex.^{ca} tem preparado os elementos para esse um, suas ordens, de fogo contra os seus Patricios, os desatinos, e civi- cias que de continuo praticado tem contra, ainda mesmo, os mais innocentes, a plena execução que tem dado os projectos horri- veis forjados sob o tecto do Palácio será sem duvida causa de ser submesa em rios de sangue a Patria.

(7) Tanto importa a vida V. Ex.^{ca} de a seu compar-se, Joze Joaquim Coelho, como d'aquelles que ja tem sido victima de furor brutal de V. Ex.^{ca} posto em execução no 17 do corrente pelo seu colega Commante das Armas, no A pipucos. V. Ex.^{ca} manda o seu general espingardear livremente, elle leva á effeito esta sanguinaria ordem e o sue devem esperar da justiça de Deos.

(8) Para acabar com raça dos que não se curvão estupi- damente a mim a Tavares, e Joze Joaquim etc. não será as- sim Snr. Manoel de Carv. ? Pará que o mitio em sua Proclama- ção esta prencipal causa.

(9) Em verdade que V. Ex.^{ca} e a sua infame, e detestavel sucia deve baquear infalivelmente.

Embalde sepreteude aniquillar os Pernambucanos, que não querem sugeitar se a escoria de Pernambuco: ninguém se ulla comprometido em declarar se publicamente contra Manoel de Carvalho e Joze Joaquim, avisto do estado de fraqueza e nulidade em que se achão estas autoridades sustentadas por uma porção de esrravos (os Permanentes) e por isso em vão e intenta illudir.....

(10) Tal vez em breve não seja.

(11) Ora Snr. Presidente, V. Ex.^{ca} está escarnecendo de seus Patricios, como já o tem feito em outras epochas. existem menos bobos que V. Ex.^{ca} pensa.....

(12) Os inimigos! de quem? diga V. Ex.^{ca} = os meus ini- migos = que he a gente San da Provincia que conserva a me- moria bem fresca, vivo o recentimento, e a dor dos males que tenho causado a Patria pretendendo salvalla da de sordem, confusão e anarchia.

(13) As armas, Pernambucanoa, As armas!

pectiva sobre certo negocio de ponderação que envolvia materias de Direito, e recebendo seu Parecer o remetteu a um sirgueiro, pondo por baixo as seguintes palavras de seu proprio punho : Fuão, ve já o que diz esse bôbo, e manda me o teu Parecer.

(Extrahida do Livro dos *Miroens* impresso na *Mexeriqueira* do Collegio)

O Mesmo Presidente recebendo um requerimento de certo pertendente acerca de um emprego n'Alfandega o mandou á Secretaria com esta direcção: consulte se a Fuão, *id est*, ao mesmo sirgueiro.

(Extrahida do mesmo Livro.)

Um Inglez e um Brasileiro

Inglez Oh ! Snr. V. fize fâvor dize onde mim acha uma Brasileiro, que fuge em 24 pra Inglaterra ? Brasileiro — Nesse tempo alguns para lá fugirão : qual é ?
I. Oh Snr. ! E uma que chega em Liverpool trata de naturalisa sua pessoa cidadão Inglez : elle vive de sua negocio de Pau Brazil quando fuge deste terra.

B. — Elle como se chama ?

I. — Oh Snr. Nome delle é bem conhecida. Elle chama Emanuel Cavallo Capaz de Aandar : elle está Cazada com meu patricia.

B. — Ja sei quem è, ja sei ! Pergunte ao *Diplomatico Tudinho*, que mora na Boavista.

I. — Oh Snr. ! Mim não conhece esse homem.

B. — Pois então pergunte ao Cão barbado que mora na rua do Collegio.

I. — Oh Snr. ! Esse está muito mal creada !

B. — Visto isso não sei q' .lhe faça. A Deos.

I. — *Farewell, Sir !*

(Extrahida do Livro dos Registos do

em branco Consulado de Colombia)

DESPEDIDA

VO's não ignorais, caros Patricios e Amigos meus que uma circumstancia imprevista foi que me-forçou a escrever entre vós, quando eu não pertendi mais apparecer como Escriptor em minha Patria, por conhecer que meus fracos talentos não são capazes de remediar os males, que sobre ella pesão, e pesarão sempre, si não tivermos a ventura de ver outra gente mais bem intencionada empunhr as redeas do Governo Supremo. Sim, vos vistes o despejo, com que se insultava o Publico, com arbitrariedades inauditas, sem que apparecesse uma accusação, uma censura energica, que contivesse os monstros, que vos-atterravão, e ameaçavão levar-vos de rojo a os ferros da escravidão ; e vistes o silencio em que me-contive, partilhando comvosco mudo e quedo os desgostos, que vos-opprimião ; mas não sendo isto pastante para me-conservar em paz, vistes finalmente quanto fui provocado pela facção oppressora, que sem pudor, sem respeito, e sem medidas me-coustrangeu, e obrigou a responder-lhe para defender a minha reputação atrozmente ultrajada, e a de alguns amigos que por auzentes se-achavão indefesos. Em taes apuros respondi a essa facção forçado por ella mesma. Não sei se respondi, como devera ; mas respondi como pude : da vossa parte está o poder ajuizar melhor do meu comportamento. Eu vos-rogo pois, que, attentas estas circumstancias, me desculpeis toda e qualquer falta, que em meus Escriptos houverdes notado como indigna de mim, e de vós. A Deos.

